1-JUNHO-1936

PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$10	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
•
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535
N.º 251 — 11.º ANO
1 — JUNHO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

O SIMULACRO DO ATAQUE AÉREO À CAPITAL

Vista aérea da parte baixa da cidade, vendo-se o Rossio assinalado por uma nuvem de fumo. A' DIREITA: o teatro Nacional «incendiado». EM BAIXO: o Rossio coalhado de curiosos durante a realização dos exercícios.

(Fotos aéreas devidas à gentileza do major-aviador sr. Pinheiro Correia)

COELHO NETTO

(Esbôço e apontamentos para futuro estudo)

Coelho Netto

CONHECI pessoalmente Coelho Netto já na última fase da vida, e, portanto, na plena pujança do seu formoso talento, no esplendor da assombrosa fecundidade de que era dotado.

Dizer que, desde o instante em que trocámos as primeiras palavras, à grande admiração que pelo seu talento nutria, aliou-se logo enorme atracção — seria talvês supérfluo, se estivesse escrevendo, apenas, para aqueles que, como eu, puderam honrar-se com a sua amizade.

Coelho Netto era realmente fascinante: a eloqüência, perturbadora pela opulência das imagens com que esmaltava as suas palestras, era verdadeiro iman para mim — e, creio bem, para quantos o hajam escutado, principalmente na intimidade.

Diversas vezes o visitei na casa da rua que hoje tem o seu nome e que era então a rua do Rozo, nas Laranjeiras. Ali passou grande parte da existência e ali o veio buscar a morte, depois de o fazer assistir ao espectáculo doloroso do passamento de um filho já homem, primeiro; e, após, ao desaparecimento da sua companheira estremecida, por entre longos e crudelíssimos dias de angústia e sobressaltos constantes.

Os que lhe auscultaram a sensibilidade, os que puderam de mais perto, como eu, sentir-lhe a magnitude do coração, como pai e como esposo, avaliaram bem o que foram êsses dois tremendos golpes, vibrados pela fatalidade na energia do grande prosador brasileiro.

Quando deixei o Brasil, Coelho Netto ainda não enviuvára; mas quando me fui despedir, não me ocultou as suas apreensões a respeito do pouco tempo de vida que restava àquela que compartilhou, por mais de um quarto de século, da glória dos seus triunfos, das suas alegrias e desilusões — de tôdas as suas emoções em suma.

Os médicos — os mais notáveis do Rio de Janeiro — procuravam, em vão, descarregar o colorido sombrio do prognóstico; — mas era tarefa dificílima em se tratando de pessoa com a inteligência, argúcia e cultura do romancista maranhense.

O seu extraordinário poder de penetração facultava-lhe perceber, fàcilmente, o humanitarismo das palavras com que o procuravam esperançar.

Compreendia tudo e, por um requinte de gentileza — porque era perfeito cavalheiro — aparentava acreditar, reconhecido, para não deixar no espírito dos clínicos a dúvida de haverem empregado, inutilmente, todos os recursos da dialectica profissional. Mas, quando se retiravam, quando ficava só, ou, mesmo, apenas em companhia de algum íntimo, a testa se lhe enrugava, o seu aspecto tornava-se severo e, mesmo sem que pronunciasse qualquer palavra, não era difícil a quem junto dêle estivesse, deduzir que o temôr voltava a assaltar-lhe o espírito, povoando-lhe o cérebro de preocupações horríveis.

Infelizmente, o tempo demonstrou-lhe que estava com a razão.

* * *

Quando esteve no Rio de Janeiro o Orfeão Académico de Lisboa e, dias após, chegou a Tuna Académica de Coimbra, numa festa oferecida a essas duas agremiações pelo Orfeão Português, Coelho Netto foi incumbido de saüdar os rapazes. Aceitou o convite; e a peça maravilhosa que produziu — verdadeira joia literária — conhecem-na bem os então orfeonistas, cujos aplausos vibrantes estrugiram no vasto salão da rua dos Andradas, com o calor e entusiasmo que só pode proporcionar a mocidade, à qual devotou sempre êle particular carinho.

Como Olavo Bilac, seu contemporâneo e amigo, Coelho Netto foi grande animador da juventude, no que diz respeito ao desenvolvimento da arte e da estética; e sem ser, pròpriamente, um cultor do «sport», deu-lhe todavia grande impulso, no Brasil, principalmente na parte relativa ao «Fluminense Foot-Ball Club», de que era um dos sócios fundadores, tendo sido, posteriormente, considerado benemérito. Nesse clube organizou Coelho Netto admiráveis vesperais artísticas, onde se faziam ouvir os melhores concertistas, cantores, poetas, etc., na presença do que de mais culto e selecto havia na sociedade do Rio de Janeiro.

Certa ocasião, Coelho Netto convidou uma jovem e distinta cantora de São Paulo para fazer-se ouvir no citado clube; mas por circunstâncias inexplicáveis, a assistência aplaudiu com maior veemência outro cantor que se fez ouvir também, mas em números mais populares, de muito menor responsabilidade.

Coelho Netto chocou-se com o acontecido e sentiu-se no dever de «desagravar» a artista que ali fôra a seu pedido e que considerou diminuida com semelhante atitude, que reputou descabida, além de descortês, pois tinha a convicção de haver proporcionado ao auditório o ensejo de apreciar uma verdadeira «virtuose» do canto.

E deliberou fazê-la ouvir de novo, mas perante público por êle escolhido, cuja cultura conhecesse.

Para isso, promoveu uma tarde artística no Centro Paulista e à qual só puderam comparecer aqueles a quem êle, pessoalmente, expediu convites, levando o escrúpulo ao ponto de mandar «nominalmente» o convite a cada um dos críticos musicais e literários dos jornais cariocas, que julgava em condições de bem avaliar dos méritos da cantora; e para patentear, êle mesmo, que se sentia honrado em figurar no mesmo plano da artista patrícia, fez o programa em duas partes, a primeira constando de interessantíssima conferência em que êle, que tinha sido académico de direito lá, dissertou deliciosamente sôbre «São Paulo do meu tempo», tema que desenvolveu com aquela magia que só êle sabia emprestar às palavras.

Ao encerrar a palestra, pediu à assistência que ouvisse com a mesma atenção que lhe dispensara e que julgasse com imparcialidade a cantora que viera de São Paulo ao Rio para atender a uma solicitação sua que — repetiu — fôra feita correspondendo apenas ao seu valor, ao seu mérito real.

E os aplausos e pedidos de «bis» consecutivos aos números interpretados pela jovem e que eram os mesmos que haviam figurado no outro programa, deram-lhe o conforto de verificar, ainda uma vez, que estava com a razão.

Era assim Coelho Netto.

* * *

Quem não lhe houvesse estudado e compreendido bem o feitio, poderia supô-lo, à primeira vista, orgulhoso e desabrido.

Nada disso.

Era, apenas, sincero; e, em matéria de arte, de franqueza absoluta, para muitos, mesmo, desconcertante pela sua intransigência.

Cito, a propósito, outro episódio, ainda ocorrido numa das tardes artísticas do «Fluminense Foot-Ball Club».

Coelho Netto — escravo que sempre foi da «sua» palavra, êle que era verdadeiro dominador dela, quando se tratava de a empregar no seu justo sentido, havia convidado um pianista para fazer-se ouvir no programa, pedindo-lhe ainda por especial obséquio a deferência de acompanhar determinada senhora que deveria cantar. O pianista acedera, tanto que havia até ensaiado as músicas com a aludida cantora; mas, na tarde da festa, ao fazer a «toilette», quando ia calçar-se, o rapaz, inadvertidamente, encostou um dos pés, só ainda com a meia, num ferro eléctrico quente, que o descuido de uma creada ali deixara, queimando-se seriamente.

Coelho Netto, sem saber do que se passara, incomodadíssimo, esperou o quanto lhe foi possível; e vendo que já ia adeantada de muito a hora fixada para início do programa, depois de conseguir de uma das senhoras presentes, que acompanhasse a cantora, em face do não comparecimento imprevisto do pianista, subiu ao estrado e explicando à assistência o motivo do atrazo, não poude ocultar a indignação de que estava possuido.

Desceu, a seguir, do estrado: e já a senhora ia iniciar, ao piano, o acompanhamento da primeira das músicas em que se faria ouvir a cantora, quando surge, esbaforido, quási a correr pelo salão a dentro, com um dos pés metido numa chinela, o pianista. Vendo a situação que havia provocado, o rapaz, antes mesmo de dar qualquer explicação para justificar a sua impontualidade, subiu ao estrado afim de tomar o logar que, pela sua falta, iria ser desempenhado pela senhora que se prestara a substituí-lo.

Já sentado, ia dar comêço à música, quando Coelho Netto, que voltara também ao estrado, assim que o vira, rápido, antes que êle tivesse tempo de ferir a primeira nota, disse, ainda muito nervoso e emocionado, embora sem saber dos motivos determinantes do atrazo:

«Minhas senhoras e meus senhores: — acaba de chegar o pianista que eu esperava; e, assim, cabe-me o dever de retirar, como retiro, tudo quanto há pouco disse».

E desceu do estrado, aliviado, como se houvera tirado grande pêso da consciência, por ter, apenas, extranhado... que o pianista houvesse faltado à palavra empenhada, sem um aviso que, com tempo, lhe permitisse substituir os números que lhe cabiam e escusar-se, perante o público, das substituições feitas — tal o respeito que um auditório lhe merecia.

Mas, ao mesmo tempo, temeu ter sido injusto para com o artista, que, vítima de um acidente, embora, ali se encontrava, posto que um pouco em atrazo, para prestar-lhe a sua colaboração.

Era assim Coelho Netto...

* * *

Os seus conterrâneos, em certa legislatura, lembraram-se do literato para ocupar na representação federal uma cadeira da bancada do Maranhão. E, elegendo-o, o enviaram como deputado ao Parlamento. Mas Coelho Netto possuia, para não ser bom político, o que constituia um dos seus maiores apanágios como artista: — era sincero em demasia. Não tinha, absolutamente, geito para «manobras»; repugnava-lhe pensar uma coisa e ter de dizê-la só pela metade, ou, mesmo, outra; e, não raro, por solidariedade política, ser forçado a concordar com o que não havia dito ou pensado. O feitio do seu carácter, o seu grande amor à verdade, o seu temperamento de escol, não lhe permitiam malcabilidades vertebrais, tão necessárias e proveitosas às «injuncções». E o grande romancista passou anos contrafeito naquele ambiente tão em desacôrdo com a sua estructura.

Quando lhe falaram na conveniência de preparar as suas fôrças eleitorais para garantir a reeleição, escusou-se.

Ofereceram-lhe o cargo de Director da Escola Dramática Municipal, recentemente criada.

Aceitou, radiante, para receber setecentos ou oitocentos mil réis *mensais*, ao envés do subsidio de cem mil réis *por dia*, que tanto cabia naquela época a um deputado federal.

Os discursos, os poucos discursos que proferiu na Câmara, são mais pròpriamente peças literárias do que documentos políticos: — magníficos na forma, elegante e correctíssima, sóbrios e alevantados nas ideas, mas de nenhum efeito parlamentar.

Ele era, visceralmente, homem de letras, artista por natureza. Nasceu assim; e a cultura do seu espírito e a experiência adquirida no contacto com os homens e com o mundo, nada mais fizeram do que desenvolver os dons que lhe eram natos, aguçando-lhe cada vez mais o extraordinário poder de observação de que era dotado.

Alguns — poucos — acham no artificial nas expressões, pelo emprêgo freqüente, na sua vasta obra literária, de vocábulos pouco usados na linguagem corrente, havendo mesmo quem o supuzesse um rebuscador de termos arcáicos, subordinado á preocupação de tornar-se original.

Clamorosa injustiça!

Coelho Netto era, sim, um estudioso infatigável; e, dono de formidável memória, familiarizára-se por tal forma com os autores antigos — principalmente os clássicos, que manuseava a miudo — que, dentro do seu próprio estilo, aprimorou lindamente o vocabulário, elevando-se tanto na sua maneira de escrever que, por vezes para ser integralmente apreendido era mistér quem o lesse ser dotado de certo preparo preliminar.

Era um escritor de «élite», sendo notáveis os conhecimentos que possuia da mitologia — principalmente da grega, a que dispensava extrema atenção.

* * *

É difícil precisar qual a modalidade ou modalidades em que mais acentuadamente se revelou Coelho Netto.

Quer como romancista, quer como prosador, cronista, teatrologo, articulista, etc., foi sempre um grande espiritualista e, sobretudo, grande poeta, muito embora seja relativamente diminuta em confronto à sua prosa, a sua expansão pelas rimas.

O que fez, porém, sob êsse aspecto é primoroso, como se poderá ver pelos dois sonetos que se seguem, o primeiro dos quais enquadrado em inspirada composição musical do grande maestro brasileiro Alberto Nepomuceno.

SONETO

Ando tão venturoso com querer-te
Que, por achar demais tanta ventura,
O' delicada e meiga creatura
Temo que venha o instante de perder-te.

Todo o bem que em minh'alma êsse amor verte
Faz-se depressa em pérfida tortura:
Julgo que enlouqueci, pois é loucura
Pensar que te perdi só por não ver-te.

Se penso, és tu meu pensamento, canto,
E és tu a estrofe do meu canto, falo,
Teu nome é o termo que me vem risonho;

Se de saudade choro, és o meu pranto;
E's meu silêncio se de dôr me calo,
E's o meu sonho, quando á noite sonho.

SER MÃI

Ser mãi é desdobrar fibra por fibra
O coração! Ser mãi é ter, no alheio,
Lábio que suga o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.

Ser mãi, é ser um anjo que se libra
Sôbre um berço dormindo! E' ser anseio,
E' ser temeridade, é ser receio,
E' ser fôrça que os mares equilibra!

Todo o bem que a mãi gosa — é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!

Ser mãi — é andar chorando num sorriso!
Ser mãi — é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãi — é padecer num paraiso!

Concluindo estas ligeiras considerações sôbre Coelho Netto — preito de singela homenagem à memória do grande escritor, meu patrício e amigo, desejo encerrá-las pela oferta, aos leitores, das primeiras frases, em autógrafo, com as correcções por êle mesmo feitas, do seu formoso conto — «O ciúme».

O ciume

[illegible]

Autografo de Coelho Netto

Honorio de Carvalho

Comemorações do 10.º aniversário da revolução de 28 de Maio

No dia 28 do mês findo realizaram-se, em Lisboa e noutras cidades do país, festejos comemorativos do 10.º aniversário do movimento revolucionário chefiado pelo falecido general Gomes da Costa.

O sr. Presidente da República, acompanhado pelo Presidente do Conselho e por todos os membros do Govêrno inaugurou no pavilhão do Parque Eduardo VII a Exposição Documental Comemorativa Tomou depois lugar numa tribuna perante a qual desfilaram importantes contingentes de tropas e um imponente cortejo cívico.

No Tejo houve um desfile de divisões navais que foi presenciado por grande multidão e que resultou num espectáculo cheio de imponência.

Na Câmara Municipal procedeu-se à cerimónia da entrega às comissões políticas da União Nacional dos respectivos estandartes.

No acto da inauguração da Exposição do Parque Eduardo VII, o sr. Presidente do Conselho proferiu um importante discurso, que foi radiodifundido, e no qual fez importantes afirmações políticas, revendo a obra realizada desde o 28 de Maio e traçando as linhas gerais da futura acção governativa.

As nossas gravuras mostram: à direita o Chefe do Estado apertando a mão ao sr. Presidente do Conselho por ocasião das cerimónias no Parque Eduardo VII; por baixo, um aspecto da tribuna presidencial e uma passagem do desfile militar; em baixo, navios da nossa Esquadra desfilando no Tejo: o «Afonso de Albuquerque» e o «Bartolomeu Dias», vendo-se na frente dêste último a velha fragata «D. Fernando».

Inauguração da "Casa da Itália,, em Lisboa

A colónia italiana inaugurou no dia 24 do mês findo a nova séde da «Casa da Itália», na rua do Salitre, 146, comemorando assim o 21.º aniversário da entrada da Itália na Grande Guerra e o X alistamento fascista. Presidiu à cerimónia o sr. ministro da Itália e assistiram o pessoal da Legação e do Consulado, o secretário do Fáscio e os fascistas de Lisboa e quási todos os membros da colónia daquele país. Usaram da palavra o sr. ministro da Itália e conde di Carróbio que aludiu à significação da data que se celebrava, citando as palavras de Mussolini ao anunciar a fundação do Império colonial italiano. No final, os alunos da Escola Italiana executaram exercícios de gimnástica e cantaram hinos patrióticos que fôram muito aplaudidos. Nas gravuras: à esquerda um grupo de alunos com a professora, à direita um trecho da assistência.

A VIDA—UM SONHO

MEDITAÇÕES E PENSAMENTOS DUM FILÓSOFO

Por MIGUEL DE UNAMUNO

Há tempo a Universidade de Oxford conferiu a Miguel de Unamuno o grau de doutor «honoris causa». O sábio professor e romancista concedeu nessa ocasião uma entrevista de algumas horas ao nosso colaborador em Londres. É a síntese dessa conversa que se reproduz abaixo. Trata-se, portanto, no texto seguinte dum artigo, por assim dizer falado, que o nosso colaborador E. W. Salzer, nos transmite textualmente:

Miguel de Unamuno

Sou um homem de oposição. Não sou de modo algum uma dessas pessoas delicadas que dizem sempre sim, tipo hoje tão numeroso e que torna a vida tão monótona. É na oposição que se oculta a fôrça primordial da vida, o impulso do progresso. Se não houvesse neste mundo pessoa alguma capaz de dizer NÃO, mesmo quando pensa SIM, pouca vantagem teriamos sôbre os *bushmen* da Austrália. Os meus escritos estão cheios de contradições — e é essa talvez a razão por que alcançaram êxito Não pertenço ao número dos filósofos que desejam penetrar até aos supremos mistérios da vida, que só procuram relações lógicas e constroem sistemas, causando a confusão. A verdadeira filosofia encontra-se nas obras dos poetas e não nos «in-fólios» dos profissionais da filosofia, que se mantêm voluntàriamente à margem, criando um mundo onde outros não sabem orientar-se nem se sentem à vontade; pois que êsse mundo é artificial e — digamo-lo francamente — mal ventilado, com certo cheiro a bafio.

Pensamentos duma borboleta

Por outro lado, sou um solitário. Os movimentos colectivos nada significam para mim. Quanto aos corpos, ainda se poderia sujeitar todos ao mesmo molde, dar a todos a mesma forma. Mas ainda que todos os homens tragam gravatas iguais e tôdas as mulheres usem chapéus idênticos, os espíritos serão sempre essencialmente diferentes. Ás vezes ponho na lapela um pouco de papel de estanho enrolado, dêsse que envolve os maços de cigarros, à maneira dos outros que ali trazem o distintivo do seu partido. «É a insígna do meu club», explico se me fazem preguntas. O club conta um único membro e se um segundo nêle pretendesse entrar, eu sairia imediatamente. As máquinas podem tornar igual o ritmo de cada dia — mas as almas seguirão sempre as suas melodias próprias.

Há tempo, lia eu um livro chinês. O poeta descrevia um sonho. «Vi-me flutuar no espaço azul da Eternidade como uma borboleta», conta êle. «Depois acordei. E quanto mais penso neste acontecimento mais vaga me parece a resposta à pregunta: Sonhei apenas ter sido uma borboleta — ou sou a própria borboleta que sonha ser homem?»

Neste trecho de sabedoria oriental há mais verdade do que os mestres da lógica, os mestres das máquinas querem reconhecer no nosso ocidente desencantado. A vida é um sonho, como dizia outrora Calderon. Todos o aprendemos cêdo ou tarde.

Goethe e Siegmund Freud

Já o disse: Os poetas são os reveladores da filosofia viva. Nas suas obras Goethe acumulou mais filosofia que todos os filósofos de profissão juntos. Amo e adoro Goethe e gosto também infinitamente de Nicolas Lenau. Entre os grandes escritores modernos é sobretudo Stephan George o que mais me prende, e depois Paul Valery, H. G. Wells e Stephan Zweig. Tenho por costume ler a maior parte dos livros no original; as traduções roubam-me o encanto de fazer uma viagem de descoberta no mundo do poeta. É assim que sei muitas línguas só para ler e não para falar: o alemão, por exemplo, o holandês, o dinamarquês, o hebreu e o dialecto judaico. Estudei o dinamarquês para compreender a fundo Kirkegaard, de que tinha conhecimento pelos escritos de Charles Barth, o dialecto judaico porque me interessava pelas obras de Israel Zangwill que só conhecia até então por uma tradução inglesa.

A correspondência com Siegmund Freud é para mim um prazer extremo, com que aproveito muito. Sou um dos seus discípulos dóceis. Infelizmente não conheço pessoalmente êste filósofo, embora talvez o conheça melhor do que muitas pessoas que lhe falam todos os dias. Como já disse Carlisle: «É nas suas obras que se conhece um homem». Porque o mais sevéro crítico de si próprio não pode encontrar outro caminho para a sua alma nem para a nossa.

O tédio, doença da época

Enfim quem pretenderá conhecer-se a si próprio? Eu de modo algum. Ás vezes nem consigo rasgar a lenda que teceram à minha volta para me ver tal qual sou. Estou envolvido, abandonado, sem meios de defesa, e os meus biógrafos vão contar a minha vida tal como o Mundo a viu e não como eu a vivi. Recentemente visitava eu um asilo de alienados. Ia vêr aquêle rapaz alto de olhos melancólicos. «Sou Unamuno», — disse-lhe. «O verdadeiro Unamuno? Tem a certeza de ser o «Unamuno autêntico?» — preguntou-me em tom sério. Inclinei a cabeça. Então êle estendeu-me a mão murmurando «obrigado» e afastou-se. Quando voltei ao gabinete do médico não tinha ainda o coração desanuviado. Sou então o Unamuno autêntico — ou o outro?

Miguel de Unamuno, visto pelo caricaturista Bagaria

Têm-me preguntado a minha missão nesta vida. Muitas vezes penso tê-la cumprido sem a conhecer. Tenho actualmente 71 anos. Desde o comêço dêste século tenho sido, com uma curta interrupção, reitor da Universidade de Salamanca, onde outrora professei a língua e literatura grega. Escrevi muitos livros, artigos e panfletos sem número. Nunca bebi uma simples gota de vinho nem de cerveja. Um terço da minha vida passei-o a dormir. Estaria produtivo a sonhar e destrutivo acordado? Não sei. Apenas sei que durante todo o tempo da minha vida tive apenas um inimigo perante mim e foi freqüentemente o objectivo da minha vida combater êsse inimigo mais perigoso que a dôr (porque essa pode ser compensada pela alegria): o tédio.

No outro dia, a minha neta chorava copiosamente quando entrei no quarto. «Doi-te alguma cousa»? — preguntei-lhe com interêsse. «Queres algum brinquedo»? «Não — soluçava ela — aborreço-me tanto!» Sim, há homens que põem termo à vida por causa do tédio, porque não vêem perante sim um ideal a que possam aspirar e que dê valor à sua existência.

Sinais dum novo Dilúvio

Que haja guerra ou paz, o futuro lançar-nos-á em qualquer caso na Idade Média. Um dia a máquina do Mundo deve desmoronar-se. A cultura da idade da pedra estará daqui a algum tempo tanto em moda como agora os «cocktail parties» e os «records» de aviação. Pois bem, recordo-me ainda da visão de Courteline quando falavamos há tempo do fim do Mundo. Eu tinha explicado que a guerra me parece uma espécie de maltusianismo natural.

«Para quê quebrar a cabeça? — dizia êle sorrindo — O Dilúvio virá. Os homens construirão uma nova Arca, desta vez à maneira de Zeppelin ou do Normandie. Levarão consigo quaisquer animais e uma multidão de pessoas, para verificarem afinal que as águas não caem, mas que entrarão na Arca em torrentes afogando tudo e todos. Apenas um papagaio alcançará o alto da chaminé e estenderá ainda a cabeça por sôbre as ondas, gritando a última mensagem da Humanidade no dia da sua realização no Nada: Liberdade, Igualdade e Fraternidade...»

46 ANOS DECORRIDOS

A tragédia de S. Miguel de Seide

"Os Brocas" e a genealogia de Camilo

Ana Plácido

EVOCANDO a trágica morte de Camilo Castelo Branco, ocorrida no dia 1 de Junho de 1890, vem a propósito recordar uma parcela do que foi a longa vida de amarguras que o colosso de Seide foi obrigado a arrastar durante mais de trinta anos, após os seus desvairados amores com D. Ana Plácido.

Em face da eclosão do escândalo, Camilo sentiu a pele em grave risco, receando todos os planos de vingança que o marido ultrajado pudesse engendrar.

No entanto, Manuel Pinheiro Alves mantinha-se mudo e quêdo, impenetrável como uma esfinge...

O genial escritor sofria horrorosamente, como o prova a angustiosa carta escrita ao seu amigo José Barbosa e Silva a confidenciar-lhe o seu pungente estado de alma:

"Acabo de saber que o Serra Pinto disse tudo, tudo quanto a respeito da Ana sabia, ao Pinheiro, ontem ao meio dia. Coisa pasmosa! O Pinheiro não deixou ainda fugir uma única palavra que denuncíe o seu estado que deve ser aflitivo! O Francisco de Paula, que me fez saber isto, diz que o Pinheiro nada tenciona dizer porque tinha em vista, aconselhado por seus amigos, dar ao público uma satisfação extraordinária. Não acerto com qual ela seja, entre tantas que conjecturo.

"Será que o homem projecta mandar-me dar um tiro nas passagens dos quintais? Será uma separação sem rumor o que êle planiza? Procurará convencer-se por seus olhos do que lhe disseram e êle ainda não acredita? Não sei, nem espero antever o que o tempo nos há-de mostrar. A Ana disse-me de tarde, numa carta, que se espanta da fôrça de vontade dêle. Até já presumiu que o homem transigia. Mas isto é incrivel, atentos os precedentes de furioso ciume com que algumas vezes a mortificou. Isto é extraordinário, e deve ter um desfecho trágico. Hoje não me parece muito longe do possível fugir a Ana para mim. E eu aceito-a, coitadinha, recebo-a como a receberia há 6 meses com a paixão louca da insaciedade.

"Aqui tens a vida. Amanhã te direi o que fôr decorrendo. Estou sem coragem e tenho febre.

"Domingo — meio dia.

"A D. Ana foi ontem às 8 horas da noite tirada violentamente de casa por 4 amigos do Pinheiro, conduzida para casa duma sobrinha do Pinto Leite. O Pinheiro declarou-se falido, apresentando escrito de dívida que absorve tôda a sua fortuna. D. Ana está pobre. Diz-me que tem o meu amparo unicamente, e eu abro-lhe os braços de pai a ela e ao filhinho. Pinheiro vai para Inglaterra, e nem sequer lhe deixa alimentos. Está proïbida de falar; mas tem-me escrito. Parece resignada e cheia de esperanças. Eu estou doudo; mas preciso de muita tranquilidade e juizo; aliás serei homicida e depois mato-me. Adeus — que não posso mais.

Teu Camilo»

Decorridos tempos, o Pinheiro Alves morria, roído de desgostos, num quarto de hotel de Famalicão, bradando ao sacerdote que lhe assistia aos derradeiros momentos:

— "Olhe que eu não lhes perdôo... Ouviu, padre?... Eu não perdôo nem a ela nem a êle!..."

Ainda assim, Ana Plácido herdou uns quinze contos, e o filho Manuel perto de oito. A casa de S. Miguel de Seide, que Pinheiro Alves tornara confortável para a espôsa que tanto amara, ia servir de refúgio aos dois amantes que lhe tinham amargurado a existência!

Final da aflitiva carta de Camilo a Barbosa e Silva

Quando Camilo pretendeu escrever o romance "Os Brocas" em que passaria tôda a sua família, começou a traçar esquêmas da árvore genealógica dos ascendentes e descendentes. No ante-rosto de um exemplar de "Le crime et la folie", de H. Maudsley, por exemplo, esboçou o plano da sua malfadada família, dando Rita Preciosa como doida e filha de Tereza Inácia também doida, e cita-lhe duas filhas com tara idêntica.

Referindo-se a Simão Botelho, apresenta-o como homicida, filho e neto de homicidas. Alude a Manuel Botelho, atribuindo-lhe ausência de senso moral, à face das teorias do autorisado professor Maudsley. Os filhos do romancista são classificados como nascidos duma senhora epileptica, tendo Jorge a herança da bisavó e da trisavó, e Nuno a tara herdada do avô Manuel. A opinião formulada âcêrca de Nuno é reforçada com a nota: "A ausência de senso moral é a hereditariedade da demência".

Sempre que se lhe oferecia ocasião, Camilo citava a desgraça que perseguia inexoravelmente os seus ascendentes.

"... recordo-me eu — diz êle nas "Memórias do Cárcere" — que fiquei ouvindo de minha tia a história de meu avô assassinado, de meu tio morto no degrêdo, de meu pai levado pela demência a uma congestão cerebral..."

Com efeito, o pai de Camilo, um modesto empregado dos correios em Vila Real de Traz-os-Montes, morreu doido.

E Camilo diz ainda nas "Memórias do Cárcere" que a sua tia, decrépita e cadavérica lhe afirmara que "era necessário ser desgraçado para não contradizer os fados da família."

O livro "Le crime et la folie" estava sendo o melhor guia para a urdidura de "Os Brocas". Após o apontamento da árvore genealógica, Camilo faz uma multiplicação que nos dá a idéia da extensão do romance. E verificamos que 16 fôlhas de 16 dão uma totalidade de 256 páginas.

Mais adiante, Camilo anota a passagem sôbre idiotia e imbecilidade, escrevendo simplesmente: "o caso de J.", isto é, o desgraçado caso do seu querido filho Jorge. Nessa passagem do ilustre professor são citados casos em que "a insufiência geral de inteligência coincide com um desenvolvimento singular dessa mesma faculdade numa direcção especial", e mostra, por exemplo, "imbecis salientando uma extraordinária memória de pormenores, tais como datas, nomes e números, recordando e relatando com a maior facilidade e uma fidelidade extrema as particularidades exactas de acontecimentos distantes, ou manifestando extraordinárias aptidões mecânicas, ou ainda patenteando uma grande astúcia que poderia parecer pouco compatível com a sua fraqueza de espírito geral..."

Nisto classificava Camilo o caso do seu desventurado filho Jorge.

Triste revelação a sua, aliás manifestada no atestado do prof. dr. Ricardo Jorge, passado no Pôrto em 2 de Agosto de 1886, para a admissão do alienado no hospital do Conde Ferreira.

Nesse documento diz-se que Jorge Castelo Branco "aprendeu a lêr e a escrever e chegou mesmo a iniciar os estudos preparatórios que não pôde prosseguir por falta de capacidade, sendo para notar que sòsinho em casa adquiriu razoáveis conhecimentos de lingua latina, entregando-se também ao desenho com certa habilidade."

"O pai, homem de talento — refere ainda o documento citado — é um nevropata e um sifilítico. O avô paterno foi um alienado, assim como dois tios."

Pelo visto, o projectado romance "Os Brocas" seria alicerçado numa forte base científica, constituindo um aglomerado de atenuantes às faltas gravíssimas dos Correias Botelhos. Ficaria sendo uma espécie de rehabilitação dos filhos do romancista, uma espécie de explicação cabal da razão da loucura do Jorge e da ausência de senso moral do Nuno, sem esquecer que a D. Ana Plácido era uma "senhora epileptica".

Afinal, o livro "Os Brocas" nunca apareceu, embora tivesse sido anunciado em gordas parangonas pelo editor portuense Ernesto Chardron em quási tôdas as suas publicações de 1883.

Dois anos depois, o romancista publicava na "Boémia do Espírito" a seguinte alusão ao seu plano que falhara:

"A' portaria do convento augustiniano da Piedade, em Santarém, chegou em 1762 um homem na flor dos anos a pedir o hábito. Mostrou pelos seus documentos chamar-se João Correia Botelho, e ser de Vila Real de Traz-os-Montes. Viera de longe propelido por uma grande catástrofe. A profissão era o acto final duma tragédia que eu escreveria frouxamente na minha idade glacial, se tivesse vida para urdir o romance intitulado "Os Brocas". Como a história é enredada e de longas complicações, nem ainda muito em escôrso posso antecipá-la. Se eu morrer, como é de esperar da medicina, com a malograda esperança de escrever êsse livro, algum de meus sobrinhos encontrará nos meus papeis os elementos orgânicos duma história curiosa e recreativa."

A genealogia dos «Brocas» traçada por Camilo

Camilo Castelo Branco

Foram decorrendo os meses e os anos.

Entretanto, o velho José de Almeida Garrett que provocara a tragédia da rua das Flores, seduzindo a espôsa de Vieira de Castro, aparecia por vezes à porta de Camilo a insultá-lo com a sua voz trovejante: — "Sai cá para fóra, pulha! em que és tu mais do que eu? Tive uma falta na vida, mas não vivo à custa da mulher da minha vítima! Olha que estás debaixo das telhas do Pinheiro Alves que atraiçoaste. Sai cá para fóra, se és capaz!..."

O Garrett, tendo expiado os seus crimes com uma resignação de beneditino, não podia perdoar os insultos com que Camilo o crivara na entusiástica defesa que fizera do seu amigo e cumplice Vieira de Castro.

E Camilo, cego e desolado, ia sentindo a alma arrefecer-lhe a pouco e pouco.

No dia 1 de Junho de 1890, o genial romancista, num acto de desespêro provocado pela cegueira, pôs termo à existência.

Já lá vão 46 anos...

Gomes Monteiro.

Uma Sociedade das Nações instituida pelos mongois no século XIII

A primeira tentativa da aplicação do princípio de assistência mútua

Armadura do rei Filipe o Belo, de França

Tem-se falado e escrito bastante nos últimos tempos sôbre as variadas tentativas que precederam a S. D. N. no sentido de estabelecer entre os povos uma lei internacional e abolir a guerra como método de liquidação de conflitos.

Poucas pessôas sabem, contudo, que a iniciativa dum movimento dêsse género partiu, no século XIII, dos Mongois. Por estranho que pareça é a êsse povo de guerreiros, cujas hordas espalharam na Ásia a morte e a desolação, que se deve a primeira obra de cooperação destinada a perpetuar a paz.

Foi o jornal dinamarquês «Dagens Nyeder», quem evocou recentemente êsse curioso episódio histórico que adquiriu hoje, no momento em que se decidem os destinos do organismo de Genebra, um especial significado.

A ideia partiu, como vamos vêr, dos descendentes do famoso Gengis Khan. Quando êste chefe militar morreu, o vasto império por êle fundado desagregou-se, à falta dum sucessor digno de cingir a corôa. Diversas provincias proclamaram a sua independência. Cada chefe influente reuniu à sua volta um certo número de partidários e procurou impôr a sua autoridade. Surgiram disputas violentas que degeneraram com facilidade em lutas ferozes. E a breve trecho todos eram arrastados pelo turbilhão da guerra, digladiando-se entre si muitas vezes por motivos bastante incertos.

Esta situação teve consequências catastróficas para a economia asiática. O comércio paralisou quási por completo. As caravanas de traficantes deixaram de se aventurar pelo interior infestado de bandos armados. A miséria estendeu-se por tôda a Mongólia e China, provocando revoltas e a mais completa anarchia.

Foi então que o príncipe Tuva Khan, da província do Djagath, reconheceu a necessidade imperiosa de pôr têrmo a êste estado de cousas mediante um acôrdo entre os diversos chefes. A sua proposta consistia no seguinte: cada um dêles obrigava-se a respeitar as fronteiras dos restantes e a socorrer aquele que fôsse vítima duma agressão.

Ao contrário do que se poderia supôr a ideia foi acolhida com entusiasmo. A primeira aplicação prática duma tal política realizou-a o príncipe Tuva Khan, firmando dentro dêsse espirito um acôrdo com o seu mais encarniçado inimigo, contra o qual havia já anos que se encontrava em luta.

Outros chefes deram a sua adesão ao pacto, entre êles o poderoso príncipe Timur, neto do famoso Koublai Khan, regente da China, de que o mundo ocidental teve notícia pelos relatos do viajante italiano Marco Polo. Foi Timur que, compreendendo todo o alcance do projecto de Tuva Khan, deu o maior impulso à ideia. Graças à sua acção perseverante, todos os povos da Mongólia e da China ficaram em 1304 ligados a êsse pacto de segurança colectiva. Mas Timur não ficou por aqui. Enviou emissários aos outros reis e imperadores da Ásia convidando os a subscrever o pacto e a negociarem entre si acordos semelhantes. Estava convencido de que descobrirá o segredo capaz de garantir a felicidade do mundo.

Um dos potentados a quem se dirigiu foi o sultão Uldjaitu, imperador da Pérsia. Este mostrou-se encantado com a ideia e aderiu a ela sem reservas. A instancias de Timur, o imperador persa dirigiu em 1305 uma carta a Felipe o Belo, de França, dando-lhe conta do plano em marcha. Nêsse curioso documento, Uldjaitu, exalta o sistema de segurança colectiva nos seguintes termos:

«Se outrora a sêde de glória ou a má vontade dum príncipe, ou mais frequentemente ainda, a rivalidade e a desconfiança de duas nações, bastavam para desencadear a guerra, doravante na Ásia Central e Oriental êsse crime não poderia ser cometido. Para a tingir êste fim os khans dos nossos diversos países reuniram-se, como filhos duma mesma família e decidiram fazer a paz entre si. Ao mesmo tempo estipulámos de comum acôrdo que qualquer de entre nós que recorresse à guerra contra um membro da nossa associação encontraria na sua frente todos os outros unidos e associados contra o perturbador».

Uldjaitu termina esta mensagem com um apêlo instante ao «sultão dos Francos» para que imite um tão louvável exemplo e procure reunir os «sultões» dos povos europeus dentro dum mesmo espírito.

Uma carta idêntica foi enviada a Eduardo I, rei de Inglaterra, que se apressou a responder com frases de pura cortesia, em que felicitava o imperador persa pelos resultados obtidos pelo plano. Quanto à sua eventual aplicação na Europa, Eduardo I, exprimia a opinião de que os povos ocidentais não tinham ainda atingido um grau de progresso que a tornasse possível. Confiava, porém em Deus que um dia se chegaria a uma melhor compreensão recíproca, facilitando o estabelecimento duma paz durável.

Sôbre a resposta de Felipe o Belo, nada se sabe. Mas se é que chegou a responder, é de supôr que o fez no mesmo tom.

Quanto o generoso pacto de segurança não tardou que surgissem dificuldades na sua aplicação. Todos os seus membros se mostravam dispostos a aproveitar-lhe as vantagens mas nenhum a satisfazer as obrigações que êle envolvia.

Em cima: *Sêlo e armas de Filipe o Belo. — Eduardo I de Inglaterra*

MAREANTES DE ARGAÇO

A grande extensão da nossa costa incita as populações visinhas do litoral a entregarem-se à colheita de plantas marinhas com o fim de serem vendidas aos lavradores, para fertilização das terras agricultadas.

E' na orla da costa nortenha, entre Póvoa de Varzim e Espozende, que a indústria da recolha de algas é mais activa e se reveste de curioso interesse.

Surpreender em Suave-Mar, em Aldeia-Nova, em Aguçadoira, em Estela, em Apulia ou em Fão, contingentes de destemidos *«redanheiros»* em arremetidas audaciosas com as ondas, é viver horas de maravilha contemplando de olhos deslumbrados e alma sacudida, um espectáculo gracioso, bárbaro e exaustivo, em que o sentimento egoísta de cobiça humana pretende usurpar a rigidez oceânica.

Mulheres de talhe esbelto, pernaças nuas como colunas jónicas e rostos curtidos pelo bafo salgado e desabrido do mar, arregueifados os saiôtos vermelhos de pano *«berre»* enxadrezado e as sáias de sirguilha parda que, ao encharcarem-se, lhes moldam o ancho das ancas e homens ataviados de pano *«piloto»* ou envergando um indumento castiço, investem com o mar disputando-lhe uma flora estranha: *limos* membranosos e esverdecidos, *correolas*, *tanagueiros*, *francelhas*, *bodelhas* debruadas de flutuosas vesículas e longos e anegrados *taburrões*. Esse conjunto de algas de várias espécies, que a prodigalidade da Natureza oferece como despojo duma catastrofe ciclópica, toma a designação genérica de *argaço* ou *rapilho* e ainda de *molisso*, *golfo*, *rapeira* ou *seba*, conforme as regiões costeiras.

E' nas grandes marés, *«quando o mar, feito com o Norte, traz cachão»*, que as algas são fortemente arrepeladas pela braveza das vagas encapeladas e se destacam das rochas. Os briosos ancinheiros aguardam numa inquietação espectante que o mar cesse de marulhar e de rugir, para dar *«a beirada»*, isto é que aos preludios da calmaria a vegetação marinha seja transportada pelo espraiar das ondas.

Chegada tal oportunidade, *«o assêjo»* — conforme a designação local — ao impulso duma decisão colectiva, todo o enxame laborioso de colhedores de argaço acomete de súbito, gralhando numa vozearia penetrante e ritmada, formigando açodadamente e empunhando *«redafois»* e *«gravetas»*, curiosas alfáias destinadas a reterem as algas que flutuam na volubilidade das vagas.

Os intrépidos e audazes sargaceiros de Fão — espécie de legionários do mar — usam um uniforme apropriado e inconfundível: *«branquetas»* de flanela alvadia abotoadas como batinas, desde a gola até ás abas que formam ampla roda, vestimenta esta que lembra os antigos trajes romanos. Tam curiosas roupagens, são cingidas na cintura por uma correia de couro bezerrum e têm, à altura do peito bordados de côres berrantes: corações ensilveirados e outros desenhos de imaginação ingénua. A tam típica vestimenta faz alusão a seguinte trova popular:

Hei-de pegar na BRANQUETA
Hei-de calcá-la aos pés
Primeiro que tu me logres
Hei-de saber quem tu és.

Na cabeça, enfiam *«suestes»* de oleado com pinturas e legendas graciosas, tais como esta:

Ê Mãr Vivo!
Mareantes de Argaço.

A' esquerda: *Proa dum barco moliceiro.* Em baixo: *Pescadores de sargaço com seus apetrechos*

Antes de entrarem no mar para sofrerem a vergastada rude das ondas, os colhedores de algas benzem-se devotamente rezando à Senhora da Saúde ou em louvor do Santíssimo.

Os *«redafois»* utilizados pelos sargaceiros de Fão, são grandes enchelavares, ou sacos de rede, abertos na boca por um arco e munidos de cabos de madeira; as *«gravetas»*, são ancinhos guarnecidos com 24 dentes de madeira e 12 gaiteiros de arame, ou seja um total de 36 puas, dispostas perpendicularmente em duas fiadas.

Em Suave-Mar a apanha de *«algaço»* faz-se metendo-se os mareantes arregaçados na água, ou tripulando frageis embarcações *«catrdias»* e *«lanchas»*, apetrechadas com aparelhos apropriados: *«nassas»*, *«jangadas»* e *«girandolas»* servem-se para a colheita, de *«ganchorras»* e de *«redanhos»*, ancinhos armados de compridíssimos cabos. Para remoção das algas utilizam rudimentares padiolas, que denominam *«carrélas»*.

Além do *rapilho morto*, que é destacado das penedias e arrojado à práia pelas vagas, distingue-se ainda o *rapilho vivo*, a que os pòveiros chamam *«eredca»*, o qual, estando aderente aos rochedos, só na maré baixa pode ser colhido.

O sargaço, no estado fresco, retem cêrca de 75 por 100 de água, constituindo um adubo muito pesado e volumoso. O sargaceiro empilha-o então em medas de base circular encimadas por cobertura de colmo de forma cónica, para que o sol o não desfalque em elementos fertilizantes, principalmente em azoto.

Na Costa de Aveiro são utilizados na recolha das algas os airosos *barcos moliceiros* pintarolados com festivas decorações policrómicas. Essas típicas embarcações de proas arrogantes, são tripuladas pelo *arrais* e *camarada* que, numa solidariedade de interesses, repartem entre si o produto da venda que cada *maré* ou *barcada* lhes possa render. O moliço recolhido nas águas salgadas, constituído principalmente por *limo de fita* e *cirigo* ou *limo mestre*, destina-se à fertilização das terras altas e das cumeadas que flanqueam a Ria.

Por *escaço* designam os moliceiros o guano proveniente da *«ciscalhada»* ou despojos de algas e mariscos. A delimitação do espaço para a colheita de moliço, é feita por meio de estacas ou de caniços, que recebem a designação regional de *«pintalhas»*.

A vida afanosa dos moliceiros da Ria de Aveiro e dos sargaceiros de Fão, passada numa atmosfera sádia rescendendo à fragrância penetrante do iodo, representa no pitoresco da indumentária, no regionalismo, nos aspectos, nas usanças e no mistério e sentimento que a envolve, um documentário bizarro e um cosmorama cromático para os apaixonados de folclorismo ainda não pervertidos pelas ciladas da civilização.

Guilherme Felgueiras
da Associação dos Arqueólogos Portugueses

«Moliceiros»
(Quadro de Sousa Lopes)

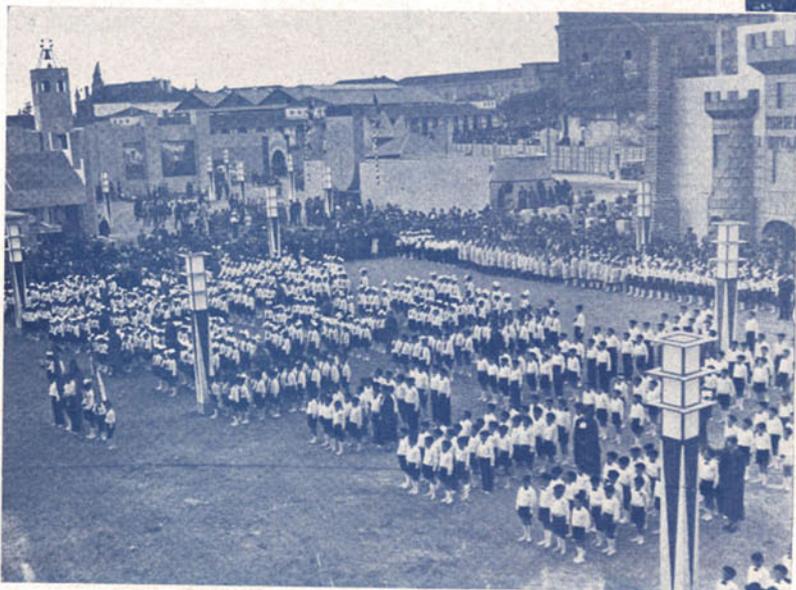
A Exposição-Feira de Santarém

O chefe do Estado inaugurou no dia 17 do corrente em Santarém, com a assistência dos srs. ministros da Justiça, das Obras Públicas, do Comércio e da Agricultura e do sub-secretário do Estado das Corporações, a Exposição-Feira que reüniu naquela formosa cidade a representação de todos os elementos de riqueza e progresso do nosso laborioso Ribatejo.

A Exposição-Feira, que constitue uma admirável afirmação de vitalidade, obteve um êxito que excedeu as previsões mais optimistas. Todo o distrito ali se faz representar com artísticos «stand» e milhares de pessoas vindas dos mais afastados concelhos e do resto do país acorreram a visitá-la, dando a Santarém um ambiente de invulgar animação.

Sob o ponto de vista artístico, em especial, a exposição marcou um êxito, que impressionou agradàvelmente os seus numerosos visitantes. A fachada, constituída por altas colunas, encimadas pelas armas dos diferentes concelhos do Ribatejo, dá entrada para o recinto, todo êle vedado por uma muralha em que predomina, como motivo de decoração, a cruz de Cristo. Logo à entrada vê-se uma alegoria à vida da lezíria, executada por Manuel de Oliveira.

Ao longo da avenida central da Exposição encontram-se os

principais «stands»: os de Tomar, projecto de Henrique Tavares; Golegã, Chamusca, Constança e Barquinha, reunidos num só, da autoria de José Augusto Madeira; Almeirim, de Saúl de Almeida e Quintino Duarte; Benavente, dos mesmos artistas; Rio Maior, de Francisco Barbosa; Cartaxo, Alpiarça, Salvaterra de Magos, em cuja fachada António Baptista pintou a cena da corrida

em que perdeu a vida o conde de Arcos; Mação, Sardoal e Ferreira do Zézere que se apresentam em conjunto; Alcanena, de António Cristino; Torres Novas, de Saúl de Almeida e António Duarte; Coruche, que reconstituiu um típico «monte» alentejano; e Vila Nova de Ourem, cujo «stand» reproduz o castelo de Ourem, trabalho notável do artista Domingos Palma. Finalmente Santarém apresenta um grande «stand», projecto exterior de Saúl de Almeida e trabalhos dirigidos pelo vereador sr. Manuel Reis Cardoso. Expuseram ainda a Junta Geral do Distrito e a Comissão de Iniciativa e Turismo de Santarém.

EXERCÍCIOS DE CAMPANHA

PARA INSTRUÇÃO FINAL DOS RECRUTAS DA GUARNIÇÃO DE LISBOA

As últimas semanas foram de grande actividade militar. Diversas unidades da guarnição de Lisboa e do resto do país realizaram exercícios de

campanha, em que se pôs à prova a instrução dos recrutas e a boa ordenação dos diferentes serviços.

Como era de esperar, as manobras demonstraram o valor militar e a disciplina das unidades que nelas tomaram parte, tendo satisfeito os altos comandos que dirigiram a sua realização e apreciaram os resultados.

Citaremos entre outros, os exercícios de Metralhadoras 1, realizados no

sítio denominado. A da Beja. Tomaram parte mais de 400 soldados, constituidos por duas companhias de metralhadoras pesadas, uma de atiradores, uma secção de morteiros e outra de transmissão e sapadores, trens de combate e de viveres e serviço de saúde. O tema dos exercícios era o seguinte: defesa da região ao norte da Amadora, cuja ocupação tinha por fim deter o avanço do partido azul.

Por sua vez, os recrutas de Caçadores 5 efectuaram durante dois dias exercícios de ataque e defesa nos terrenos da Falagueira, à vista da capital. Os soldados, em número de 500, tomaram posições para o desenvolvimento do tema determinado pelo seu comandante, sr. major Luiz Alberto de Oliveira. Organizou-se uma posição de resistência com as três linhas recomendadas pela táctica: a principal, a de reforços e a de barreira. A primeira e a segunda eram formadas por atiradores e metralhadoras e a última constituia a retaguarda, distanciada 1:500 metros das outras. Destinava-se esta a recolher os fugitivos e a continuar a resistência no caso do inimigo teórico conseguir forçar as duas primeiras.

As gravuras que ilustram esta página mostram alguns aspectos dos exercícios de Metralhadoras 1.

Ana Pereira — a Marechala da Arte

Ana Pereira e Pedro Cabral na «Marechala»

QUANDO ha dias vimos os cartazes teatrais anunciando a representação da "Marechala", recordamos com saudade a gloriosa actriz Ana Pereira, criadora insigne e insubstituível desta famosa peça.

E a nossa saudade aumentou ao recordar piedosamente a sua morte ocorrida no mês de Junho, numa casa humilde e ignorada da rua do Rato.

Já lá vão dezasseis anos, mas a sua recordação mantem-se perene, viva e firme como no derradeiro dia em que a vimos.

Em 1917, sendo por nós organizada no teatro da Trindade uma festa para dulcificar a miséria em que a gloriosa velhinha vivia, o actor Pedro Cabral enviou-nos as seguintes linhas cheias de emoção e sinceridade:

"Tinha eu então 13 anos e já começava a adorar a Ana Pereira. Vi-a pela primeira vez no Trindade, no "Barba Azul". Estava eu então no colégio do Godinho, à rua dos Mouros. Meu padrinho, o inolvidável Júlio César Machado, arranjára-me com grande custo um bilhete de geral para assistir a essa *première*. Quantas noites sonhei com a Carlota do "Barba Azul"!

"Em 1877 estreei-me como actor no teatro do Gimnásio, empreza José Romano, e quem havia de dizer que em 1894...

"...trabalhava ao lado dêsse grande génio do Teatro Português, na rua dos Condes? Ao lado dela, sentia-me ainda mais pequeno do que sou, quando recebia da "Marechala" a lição de etiqueta. Desnorteava-me aquele grande talento, e tive a honra de ser eu o único empresário que conseguiu que a Ana Pereira saísse a barra em 1895...

"...numa *tournée* aos Açôres. A' saída da barra dizia ela aos colegas meio enjoada: — "Tragam-me êsse negro!" (êsse negro era eu); mas logo depois, apenas eu a beijava, dava-me ela uma pinça, e dizia-me: "ande lá, faça alguma coisa: tire-me estes pêlos do queixo"!...

"Chegados á Terceira desembarcamos de uma jangada. A Isabel Berardi era a sua dama de companhia. Ninguem tinha ainda hotel...

"A querida Ana Pereira, sentada no banco duma praça, mandava-me chamar e dizia:

" — O' Pedro Cabral, olhe que eu à noite não represento a "Marechala" sem ter a cabeleira prateada!..."

"Que saudades dêsses tempos! 22 anos já lá vão!

"Permite, querida actriz, que te ofereça estes pensamentos quem te admirou e ainda teve a honra de trabalhar a teu lado".

Quando Ana Pereira leu esta saudação, indignou-se ao rubro.

— Parece impossível — dizia ela — que o Pedro Cabral tenha o ousio de afirmar que eu lhe pedia para me tirar os pêlos do queixo! Nem á Rosa Damasceno, (e era uma das amigas mais queridas) eu fiz semelhante pedido! No resto, está certo. Chamava-lhe negro, como chamei coisas bem piores ao Francisco Palha. Olha, uma vez, no calôr duma discussão com êle disse-lhe que não me fizesse saír de mim, senão fazia-lhe da pêra um sino!... Não, o Pedro não tem razão. Nunca lhe pedi que fôsse o meu depilador. Ora, deixa estar que logo que o apanhe a jeito, hei de tirar isso a limpo!...

Pedro Cabral, coitado! não fizera aquilo por mal. Ao tentar ser sincero nas suas expressões, mostrou apenas não ter aproveitado o suficiente das lições de etiqueta tantas vezes recebidas na representação da "Marechala", Coisas dessas, fazem-se, mas não se dizem...

Um outro, cujo nome não podemos revelar — e que já lá está também na terra da verdade — enviou nessa altura uma cativante carta á insigne actriz. Eram ambos septuagenários.

Dizia êle: "Eu amei Ana Pereira. Amei-a e não me envergonho de dizê-lo hoje que já o pêso de 75 anos feitos me aproxima da morte inexorável, hirta e talvez benfazeja. Amei-a... e o meu amor era puro, sincero, casto e respeitador — um amor que infelizmente é raro nos tempos de hoje — um sentimento silencioso, mortificante, uma chama que me abrasava e consumia sem que das minhas fibras dilaceradas se divisasse um estremecimento denunciador.

"Tantas vezes passei por ela e nunca lho disse! Tantas vezes a esperei á saída do teatro só pelo prazer espiritual de a vêr mais uma vez, e nunca me apresentei a confiar-lhe o meu segrêdo!

"Um dia, Ana Pereira abandonou a cêna por uma futilidade, um capricho dos seus nervos de artista, e desde então nunca mais a vi. Para matar saudades, eu ia, de vez em quando, aos teatros por onde ela passára, e pude vêr, então, que a Divina Arte ainda vestia crepes ao fim de tanto tempo...

"E nunca mais voltei a ver representar.

"Será um fanatismo que me conduz? Será!... nem mesmo quero ser injusto para os grandes artistas que o nosso palco ainda tem por felicidade.

"Se espraiarmos o nosso olhar pelo passado e contrastar-mos as glórias idas com as glórias presentes, teremos a impressão nítida e profunda de que Emília das Neves e Rosa Damasceno são insubstituíveis, como insubstituível é a criadora da "Marechala".

O velhote escrevia ha 19 anos todas estas coisas que cada vez vão tendo maior oportunidade. Já faleceu — e fez bem, pois se ainda vivesse, não resistiria agora a tais contrastes.

Tem-se visto para aí cada coisa!

Ainda temos bem presentes as expressões dolorosas da gloriosa actriz ao citar as imitações que uma ou outra artista de ambições desmedidas em recipiente exíguo de talento, tentava levar a efeito, na esperança de celebridade. Além do decalque grotesco do que fôra realizado por Ana Pereira, não saído do ridículo do seu "eu". Dir-se-ia um jumentinho que tentasse acompanhar um cavalo *pur sang* numa aparatosa corrida de categoria internacional.

Os anos foram passando, lentos e pesados como a digestão duma giboia. Hoje poucos se lembram já do insubstituível talento de Ana Pereira — e é êsse o único motivo de não virem abaixo os teatros com a indignação do público.

O ilustre crítico Rafael Ferreira, ao vêr surgir a gloriosa artista na sua famosa criação, chamou-lhe a "Marechala da Arte".

Grande verdade!

Ana Pereira, mesmo depois de morta, continua a conservar o seu bastão, até que apareça alguem com talento bastante para lho arrebatar.

Quanto ao resto, podem fazer o que melhor lhes apeteça. A "Manola" da "Noite e Dia", a Carlota" do "Barba Azul" é ela e sempre ela, quer queiram, quer não.

Sérgio de Montemór.

ACONTECIMENTOS NAVAIS

Visita ministerial às obras do Alfeite

Os srs. ministros da Marinha e das Obras Públicas visitaram no dia 14 do mês findo as grandes obras do novo Arsenal da Marinha e da Escola Naval, a instalar no Alfeite. Os visitantes foram ali recebidos pelos srs. contra-almirante Mendes Cabeçadas, intendente daquele estabelecimento, e major D. Luiz de Mesquitela, director das obras, engenheiros civis e navais, etc. Os dois ministros percorreram demoradamente as oficinas onde estão já instalados grandes e modernos maquinismos e passaram depois à Escola Naval que já no decurso do ano corrente começará a ser utilizada.

Lançamento à água do aviso de 2.ª classe «Joao de Lisboa»

No Arsenal da Marinha foi lançado à água no passado dia 22 o aviso de 2.ª classe «João de Lisboa», o último dos catorze barcos com que a nossa Marinha de Guerra foi dotada nos últimos anos. Um acidente imprevisto obstou a que no acto do lançamento se realizassem as cerimónias do estilo. Devido ao peso excessivo, o navio deslisou ao longo da carreira e entrou na água antes do tempo. O facto, que não teve quaisquer conseqüências, não impediu, contudo, que a cerimónia constituisse uma entusiástica manifestação de aplauso à perseverante política naval que vem sendo realizada.

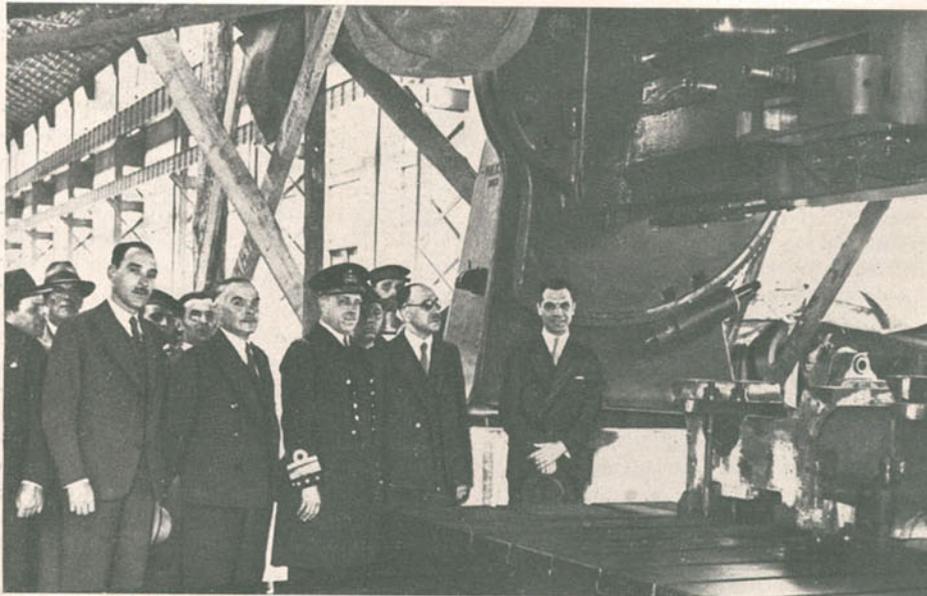
Ao acto assistiram o Chefe do Estado, o Presidente do Conselho, o ministro da Marinha e outros membros do Govêrno, os altos comandos da Armada e muitas entidades oficiais. Por ordem do sr. ministro da Marinha editou-se um pequeno folheto, illustrado, de excelente aspecto gráfico, no qual se fala do novo barco e se traça a biografia do navegador que lhe dá o nome. O Chefe do Estado, no final, condecorou com a Ordem de Mérito Indústrial os operários-chefes Manuel da Silva Reinaldo e Silvestre Tavares, que o sr. ministro da Marinha lhe apresentou com breves palavras de elogio às suas qualidades de trabalho e dedicação.

Julgamento do comandante do «Patrão Lopes»

Respondeu perante o Conselho de Guerra, no dia 15 do mês findo, o capitão-tenente sr. Fernando Monteiro de Barros, comandante do navio de salvação «Patrão Lopes», que encalhou há meses perto do Bugio, na barra de Lisboa. O prestígio do réu e as circunstâncias em que se deu o sinistro fôram reconhecidas pelo tribunal, que prestou justiça ao ilustre oficial da marinha ilibando-o de qualquer culpa. As nossas gravuras mostram à esquerda os julgadores capitão de fragata Palma Lamy, capitão de mar e guerra Azevedo Franco, e juiz auditor Correia Baptista; à direita o réu durante o julgamento.

DOCUMENTOS DOLOROSOS

A TRAIÇÃO DO LOULÉ

Um documento que não figurou na devassa

Rio de Janeiro — Botafogo

VOLTANDO a falar-se no bárbaro assassínio do marquês de Loulé, vem a propósito tornar público um documento que quási rehabilita o autor do crime. Fômos encontrá-lo perdido na monografia. «Admirável Igreja Matriz de Loures» que Joaquim José da Silva Mendes Leal coligiu com a sua paciência de nonagenário.

Pois o marquês de Loulé, quando da entrada das tropas de Junot em Portugal teve a honra de ser nomeado pelo general napoleónico nada menos que comandante do 3.º regimento de cavalaria da Legião Lusitana.

As verduras dos seus 27 anos rejubilaram com a escôlha de Junot, embora a mascarasse na inutilidade de qualquer resistência perante a fôrça. Sentia-se tão à vontade na sua nova missão que três anos depois, acompanhava Massena na terceira invasão contra Portugal. Julgado à revelia pelos tribunais portugueses, em 21 de Novembro de 1811, foi condenado à morte.

Seis anos se conservou na França, aguardando o momento asado para voltar à posse dos seus bens. Entretanto, sua irmã D. Eugénia, dama da rainha, ia preparando o terreno, valendo-se de tôdas as influências da côrte, instalada então no Rio de Janeiro.

D. João VI acabou por perdoar ao traidor, embora salvando as aparências com uns escrúpulos que nunca sentira. De resto, o Marquês de Loulé limitara-se a cumprir até ao exagêro a recomendação que D. João VI fizera aos portugueses, quando fugiu para o Brasil: «Recebam bem os franceses».

Concedido o perdão, o Marquês de Loulé julgou-se no dever de registar êste facto numa espécie de diário que expressamente escreveu, na intenção de patentear o seu reconhecimento por todos os que contribuiram para a sua rehabilitação.

Eis o famoso documento traçado pela própria mão do marquês de Loulé:

«Cheguei á côrte do Rio de Janeiro a 27 de julho de 1817. Desembarquei debaixo do caracter do official francez, e no mesmo dia entreguei na residência da legação franceza todos os papeis, que me haviam sido preciosos até aquelle momento para chegar aos meus fins, sem obstaculos consideraveis. Fui occupar uma hospedaria na rua de Santo Antonio; e no dia 29 procurei o primeiro ministro d'Estado, a quem disse estas poucas palavras: — Rogo a V. Ex.ª queira ter a bondade de pôr na presença de Sua Magestade, que se acha n'esta côrte, Agostinho Domingos José de Mendonça, acompanhado tão sòmente de seus crimes e da firme e invariavel resolução de morrera os pés do seu Rei. — Segurou-me o ministro que partia no mesmo momento dar parte a El-Rei, e eu retirei-me á minha residencia. No dia 30 ás 11 horas da manhã, o ministro da policia me intimou que El-Rei, determinava fosse recluso na fortaleza de Santa Cruz. Parti immediatamente, ás 3 horas da manhã do dia 31. Pedi ao ministro quizesse fazer conhecer a quem competisse que as minhas circumstancias eram taes que precisava pelo menos, entrar no numero dos poucos, a quem a humanidade costuma soccorrer. Retirou-se o ministro, tendo a generosidade de deixar ficar em cima da minha pequena mala, a sua propria bolsa. Fiquei entregue a esse ministro polido e cheio de humanidade, que, por muitas vezes, adoçou o martyrio das minhas considerações, forçando-me a acreditar o exito mais favoravel da incerteza da minha sorte.

«Tanta impressão fizeram as minhas circumstancias no leal animo d'El-Rei, que determinou soccorrer-me, para o que se deram as ordens mais positivas, e desde o dia 3 de agosto principiei a ser assistido com toda a qualidade de auxilios da Sua Real Casa. No dia 11 fui inquirido pela primeira vez, e bem longe de pertender defender-me ou mostrar algum desejo de que podia justificar-me, confessei meus crimes com aquellas circumstancias que os acompanhavam, o que deu motivo a simplificar as perguntas que se seguiam em numero e mesma materia. No espaço de 15 dias tudo a este respeito se achava concluido e soube então que El-Rei havia confirmado a sentença dada em Lisboa contra mim. Não duvidei mais da minha sorte, porem tambem não me arrependi de haver dado os passos que tenho referido. Os Grandes do Reino, meus amigos Parentes e mesmo inimigos, correram aos pés do monarcha, a supplicar-lhe que ao menos me perdoasse a pena ultima e alguns houve, tão generosos, que pertenderam captivar seus revelantes serviços feito ao Estado, tão somente por tal objecto. A firmeza do monarcha mostrou a todos a minha sorte estava decedida e, consequentemente, fiquei abandonado ao meu destino; todos perderam a esperança da minha salvação, e muito mais quando viram passar o dia da gloriosa Acclamação e que El-Rei nem ao menos em mim falou. Dois dias depois da Exaltação do Monarcha, alguns Grandes do Reino, em occasião opportuna, entregaram uma memoria ao Soberano; este a guardou, e seus gestos descobriram a todos que a Sua Magestade não convinha que pessoa alguma lhe falasse em mim; e conseqüentemente esperava todas as horas e instantes o meu supplicio.

«A 20 de março de 1818 entrou na minha prisão Fr. Custodio, cheio da maior alegria e me disse: «Entrando hontem á noite, no quarto d'El-Rei, o achei muito alegre, e me disse: — sabe, Fr. Custodio, que tenho determinado perdoar ao Marquez de Loulé. Beijei a mão a Sua Magestade e lhe pedi licença para ser portador de tão grata noticia. El-Rei me deu a entender que muito estimava a minha resolução e accrescentou: — sim, vae e diz ao Marquez de Loulé que nos dias de hoje e de amanhã recorda a Egreja as grandes finezas que Jesus Christo praticou com os homens; que Eu devo imitar e que por tanto o Marquez está perdoado da pena ultima». Poucas horas depois chegou um correio com a ordem da minha soltura e a licença de poder recolher-me á côrte do rio de Janeiro, tendo-me concedido a homenagem de toda a cidade. Fui occupar a mesma hospedaria que já havia occupado, na qual fui cumprimentado pela côrte e outras muitas distinctas pessoas.

«Três dias depois da minha residencia na hospedaria, entrava um homem no meu quarto, entregando-me um saco de demasco com dinheiro e um bilhete fechado, e assim que abri o bilhete, retirou-se o portador, sem esperar resposta; e dizia o bilhete: *quatro contos de reis para o Marquez de Loulé diminuir o numero de seus males.*

«Conheci a letra e a respeitei mais do que mesmo o proprio socorro, que uma alma verdadeiramente grande me liberalizava. No espaço de cinco semanas, tive algumas occasiões de ver El Rei e Sua Augusta Familia; e Sua Magestade me viu algumas vezes, deixando-me sempre a feliz ruspeita de que não olhava para mim com indignação.

«Encontrei em uma tarde a Augusta Princeza Real que voltava do seu passeio ordinario; Sua Alteza teve a bondade de parar e dizer-me: vós é que sois o Marquez de Loulé?

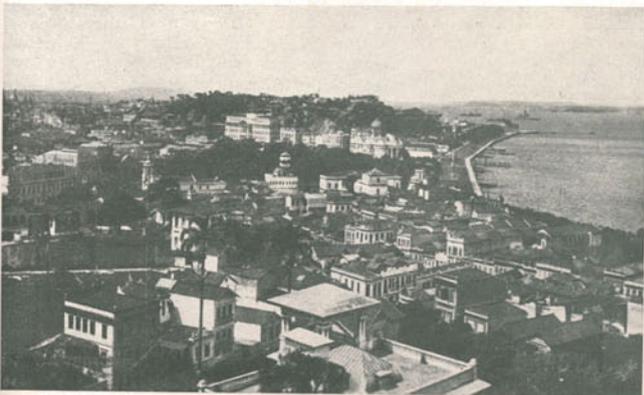
«Respondi: disfructei algum tempo essa grandeza. Hoje, minha Senhora, sou um desgraçado.

« — Marquez, não convenho nisso, disse a Princeza. Meu Pai, Rei do Reino Unido, não é vosso inimigo. Respondi: Creio, minha Senhora, que o meu Rei não é inimigo de pessoa alguma; porem, tambem acredito, que eu já não posso ter amigo verdadeiro. Sua alteza, para me tirar do embaraço em que me via, chegou mais a mim e me fez a honra de dar a mão a beijar; continuou a sua marcha e eu fiquei luctando com as minhas oppostas considerações. Quatro dias estive no meu quarto, sem saír fóra porque todo o tempo me parecia pouco para considerar na minha situação. Mil conjecturas fazia; outros tantos partidos tomava, porém tudo ficava destruido pela cruel consideração de quem tinha sido, quem era, e a quem tinha offendido. Ás 11 horas da noite do quarto dia entrou o meu amigo Marquez de Bellas no meu quarto, dando-me um abraço com as lagrimas nos olhos, e me disse: a Princeza vizitando esta tarde El-Rei, fez recahir a conversa no encontro que tivera com você. A Princesa teve a delicadeza de dizer a El-Rei diante de mim: não quero offender o coração de meu pai, em pedir-lhe favores para o Marquez de Loulé, pois não quero que ninguem presuma que a uma Princeza se deve a conclusão de uma obra tão generosamente principiada por um Rei. Aproveitei a occasião e disse: eu teria já acabado esta questão, se eu fosse Agostinho Domingos José de Mendonça...

« — Como? me disse o rei.

« — Lançando-me aos pés de Vossa Magestade, teria achado o meu descanço.

« — E porque não tem o Marquez de Loulé dado esse passo? Espera que o procure?

«Beijei a mão a Sua Magestade, sahi immediatamente e declaro-vos que El-Rei vem depois de amanhã a esta côrte, e que vos reguleis; salvo o que vos tinha dito; e a Deus.

«Sahiu o Marquez de Bellas, e eu fiquei quasi como louco, parecendo-me que existia em um diverso mundo. Dois dias depois, a duas léguas e meia distantes da côrte, esperei o meu Rei e, na distancia que me pareceu conveniente, ajoelhe no meio da estrada. Chegou Sua Magestade, fez parar o seu palanquim e me disse muito brandamente:

« — Que quer o Marquez?

« — Lembrar a Vossa Magestade que a minha disolada familia não tem parte nos meus crimes, e depois morrer aos pés do meu augusto Soberano.

« — O Marquez expoz-se a muito vindo a esta côrte sem alguns auxilios.

« — As virtudes de Vossa Magestade me animaram a dar um passo tão arriscado.

« — Dizei, Marquez, estaes convencido de que devo perdoar-vos?

« — Não, Senhor, os meus crimes impedem essa ventura.

«El-Rei volta-se para a sua equipagem e lhe diz:

« — E' o primeiro que fiando-se no meu coração, veio entregar-se nas minhas mãos. Volta-se para mim e disse:

« — Vossos crimes ficam aqui sepultados. Nunca mais me lembrarei d'elles. Tudo vos dou até mesmo a minha amisade, para vos confirmar que não vos enganasteis com o coração do vosso Rei. Vinde para a côrte na qual já não ha logar vedado para o Marquez de Loulé».

A infanta D. Ana de Jesus Maria

Enfim, D. João VI foi tão generoso que, após ter chorado amargamente a tragica morte do seu estribeiro-mór e conselheiro, deu ao filho do assassinado todos os bens e honrarias de seu pai, e ainda a propria filha, princesa D. Ana de Jesus Maria, como esposa.

E assim ficaram quites.

O rei esqueceu, porque assim convinha à sua comodidade e à sua situação de pai. Para que havia de alastrar mais um escândalo que, por mais esmiuçado que fôsse, não daria vida ao desventurado marquês?

O rei esqueceu, mas a opinião pública é que nunca se convenceu da hipótese de desastre que os miguelistas engendraram para salvar o bom nome do seu chefe muito amado.

Nem houve desastre, nem o móbil do assassínio foi o roubo, visto que nas algibeiras do morto foram encontrados vários objectos de oiro e moedas, além do grilhão e relógio que não deixaria de tentar o mais escrupuloso ladrão.

Quem teria sido o criminoso? Sabia-se que a rainha Carlota Joaquina, dando largas à sua ambição insaciável, pretendera apoderar-se do govêrno da nação, fazendo proclamar rei o seu filho D. Miguel. No fim de contas, êste governaria, *in nomine*, à semelhança de Carlos IX, tendo a movê-lo, por traz da cortina, uma nova Catarina de Medicis.

Surgiu, então, a conspiração que começou por fazer correr que o rei D. João VI estava sendo desrespeitado pelas côrtes, e que, a bem do poder absoluto, se tornava absolutamente necessário esmagar a raça liberal que apenas tinha em vista anarquizar o país.

Guerra, portanto, aos liberais que com as suas apregoadas liberdades conduziriam a pátria à ruína e à última das abjecções.

D. Miguel, simulando zelar a autoridade paterna, conseguiria levantar o país, e, uma vez senhor da situação, obrigaria o pai a abdicar em seu favor, a bem ou a mal, fôsse como fôsse.

Esta urdidura era conhecida do marquês de Loulé que fazia todos os esforços por entravá-la no seu próprio interêsse. A hostilidade do marquês não assentava em patriotismo nem no bom desejo de ser grato ao seu rei que lhe salvára a vida e a fortuna.

Quem acompanhou Massena na sua invasão contra Portugal, não teria dúvida em bandear-se com os partidários de D. Miguel... se estes o aceitassem com tôdas as honras. Mas se o infante nutria por êle a maior aversão, não lhe convinha, em caso algum, o triunfo de D. Miguel. Daí a sua hostilidade tenaz e importuna. Neste caso, não havia que hesitar. O marquês encomodava os miguelistas? Nada mais simples: dava-se cabo dêle, na primeira oportunidade. Esta surgiu em Salvaterra quando se ensaiava um entremês para os folguedos do Entrudo.

O marquês levantou-se, em dada altura, e meteu por um escuro corredor. Os sicários espiavam-no, e, a coberto da treva, mataram-no o mais limpamente que foi possível.

Enfim, executou-se a terrível sentença que, anos antes, o condenára justamente à morte pelo horrendo crime de alta-traição.

Vista do Rio de Janeiro

O PASSADO E O PRESENTE

A AMIZADE ANGLO-FRANCESA

COMO EÇA DE QUEIROZ A VIA HA 58 ANOS

Principe de Gales (futuro Eduardo VII)

Mais uma das crónicas que Eça de Queiroz escreveu de Newcastle, e que ficariam perdidas se um feliz acaso não as guiasse até às nossas mãos.

Nas suas linhas elegantes e incisivas ressaltam o amor, a ternura e até o culto do genial escritor pela França que o atraia e havia de rodear de mimos até à hora da sua morte.

O genial autor da «Ilustre casa de Ramires», dando largas ao seu entusiasmo pela França, fazia um sacrifício enorme em conservar-se em Newcastle, cidade tristonha e nevoenta, que o enchia de desolação e desânimo. E então, para mais facilmente passar o tempo, ia escrevendo, escrevendo, mas sempre com o pensamento na pátria que glorificara Vitor Hugo e negara sepultura a Voltaire.

Tôdas estas cartas, embora endereçadas a um jornal português, eram outras tantas declarações de amor que enviava a uma namorada distante. Desejava ardentemente embrenhar-se na França, curtia a sua ansiedade escrevendo os longos relatórios que, como consul de Portugal, era obrigado a enviar ao seu ministro dos Negócios Estrangeiros, mas não deixou nunca de ser um ironista subtil e encantador. A sua chegada a Newcastle prova-o eloqüentemente.

«O empregado, ao fazer-lhe entrega do Consulado — conta Archer de Lima no seu livro «Eça de Queiroz diplomata» — mostrou-lhe que tudo aquilo estava gasto; havia muitas faltas, a própria cadeira estava desengonçada.

« — Está muito bem, responde o consul, tem a vantagem de ser também cadeira de baloiço.

«O vice-consul ia-o ouvindo com espanto. A qualquer informação, Eça de Queiroz tinha resposta pronta, para tudo achava remédio, para tudo arranjava solução.

« — Mas há mais, continuou o empregado, a bandeira portuguesa está tôda rasgada.

« — Magnifico! responde o mestre, tôda rasgada. Assim é que deve ser a bandeira portuguesa; varada pelas balas, é um símbolo da batalha.

« — Mas, objectou a medo o chanceler, é que esta bandeira não entrou em nenhuma batalha. Está velha porque há trinta anos que a temos.

« — Neste caso é uma relíquia. Assim é que está bem. Trinta anos em Inglaterra, é digna de ser mencionada. E sem pedir promoção... É uma bandeira histórica. E que mais?...

«E continuaram assim no mesmo tom...»

Mais de meio século decorreu sôbre tudo isto, e o espírito cintilante continua a refulgir nas magníficas páginas que nos deixou.

As cartas que rabiscou a correr, sôbre o joelho, e só para satisfazer os instantes pedidos do seu amigo Anselmo de Moraes Sarmento, mostram flagrantemente a espontaneidade que Eça de Queiroz tinha em escrever. Nestas linhas não há o estilista torturado que emendava sempre até à 90.ª prova, se lha enviassem; aparece o escritor, escrevendo ao correr da pena as suas correspondências para um jornal da sua terra.

Eça de Queiroz, caricatura de Stuart

Londres, 21 de Maio de 1878.

Há entre os provérbios diplomáticos um que diz que «quando a França está descontente, a Europa está em perigo». Pode dizer-se que quando a França está feliz, a Europa está tranqüila: desde que a Exposição se abriu, e que a França celebra em Paris a sua grande festa de ressurreição, tôda a Europa tem um tom mais calmo; corre uma aragem consoladora de paz e de conciliação, a mesma atmosfera de armamento se afrouxou, e os homens de guerra e de rapina, os Bismarks, os Gortschakoffs, aproveitam êste intervalo sereno para curarem os seus reumatismos. Exala-se da exposição, parece, uma emanação de concórdia, de trabalho, de civilização, que enche os espíritos dum salutar desejo de fraternidade e de paz.

As espadas, meio saídas, recaem nas bainhas, as vozes irritadas de desafio adoçam-se em explicações plácidas, o czar humaniza-se, a Inglaterra desfranze a carranca, e todo o mundo respira um vago aroma de fôlhas de oliveira, símbolos de paz.

É a Exposição de Paris, é essa colossal acumulação [d…] ciência, de arte, de indústria que espalha em redor, [… a] Europa, um influxo santo de serenidade. Paris, no fundo é a grande capital da civilização; o seu messianismo é in[…]contestável; o que ela pensa é-nos dogma, o que ela quer é-nos lei: o mundo instintivamente obedece-lhe: há nele[…] não sei que graça magnetizadora, que forte ascendência espiritual, a que se não resiste: a humanidade civilizada tem por ela um vago amor e deixa-se docemente tiran[i]zar: se ela nos impõe a idiota canção *C'est l'amant d'Amanda*, protestamos primeiro, rimos depois, terminamos todos por cantá-la; se ela nos impõe uma ideia social, podemos um momento hesitar, acabamos todos por servi-la; [o] que ela quere tem a nossa admiração certa, ou seja Offenbach ou seja Gambetta; ela exerce a fascinação de certos olhos de mulheres, cuja luz convence; hoje Paris quer a paz, e a Europa já não se atreve a fazer a guerra. Aqui, pelo menos, não se fala senão na Exposição: a ordem do dia é ir a Paris; os indivíduos que ainda murmuram algumas frases sôbre a Bulgária, o tratado de S. Stefano, Constantinopla, etc., parecem obsoletos e caturras.

Quem se ocupa do eslavo? que significam essas antigualhas lúgubres? O que importa é chegar a Paris, saltar [num] um fiacre e abalar para o Trocadero! E o que atrai a Paris, não é tanto admirar as maravilhas que o mundo reüniu, como ver a valente cidade outra vez feliz e triunfante; ver a formosa cabeça da França, de novo levantada ao alto, depois de ter estado [d]urante oito anos voluntariamente voltada para o chão. [Há] sete anos! Neste mesmo mês de Maio, franceses [ba]teram-se contra franceses, numa guerra feroz e fanática, sob os frios olhares dos prussianos que, de re[…]or, de braços cruzados, esperando sossegadamente os [se]us cinco *milliards*, viam, cofiando as barbas doutorais, [Pa]ris a arder!

E sete anos depois, pagas tôdas as dívidas, libertado todo [o] território, reedificadas tôdas as ruínas, replantados todos [os] campos, a França está bastante de posse de si mesma, [ba]stante rica, com vagares bastantes para dar ao mundo, [na] sua capital embelezada, a maior festa de civilização dêste [sé]culo! Valente nação!

Diz-se que tôda esta forte ressurreição é devida à Re[pú]blica. Bom Deus! sejamos justos: é devida à França! [a]o seu imenso poder de recuperação, o seu génio, a sua [la]boriosidade, a sua economia, a sua sábia previdência que [a re]habilitaram, depois dum curto espaço de recolhimento [e] de trabalho, a reaparecer à frente da civilização, mais [fo]rte, mais rica, mais inteligente, outra vez — *la belle France*.

E aparece-nos com uma feição que não lhe conhecia-mos, [a] nós os que fomos educados, quando já o império estava […]to — aparece-nos grave e alegre. Não perdeu nada de […]me, e ganhou muito de reflexão: abandonou sobretudo [alguns] dos seus defeitos irritantes, a jactância, aquele alarde [fan]farrão, retorcendo as guias e de mão na cinta, que fazia propor aos mais práticos, aos mais moderados como Emile de Girardin, que não se batessem os prussianos a tiro, mas a coronhadas, por desprêso!

As felicitações da imprensa inglesa à França pela sua *aleluia*, têm sido nobres, fraternais, profundas. A França tem-se enternecido. Mas o que a lisongeou, o que a electrizou, foram as belas palavras do principe de Gales, no banquete que lhe ofereceram em Paris os expositores ingleses. Respondendo à saude que lhe fizera Lord Granville, dirigiu-se ao ministro das Obras Públicas de França, e disse-lhe:

— «Diga à França que a amo de todo o coração, que ninguém segue mais comovido a sua prodigiosa prosperidade, e que a Inglaterra se regozija em concorrer para o explendor da Exposição, feita no país que sôbre todos estima, e ao qual tanto deve!»

Estas frases foram cobertas por um *hurrah* prodigioso dos tresentos expositores ingleses que se sentavam ao banquete, e que eram todos celebridades da aristocracia, da ciência, da arte, e da indústria — e no outro dia ecoavam por tôda a França.

A alegria dos jornais republicanos foi imensa: em artigos comovidos, todos agradeceram as palavras mais amigas, e as primeiras que um príncipe estrangeiro dirigia à França depois dos seus desastres. O «Paris-Journal», como um homem que a emoção sufoca e que põe todo o seu reconhecimento numa exclamação curta e balbuciada, imprimiu apenas em caracteres grossos: *Merci, Monseigneur!*

O facto é que o príncipe de Gales é hoje um dos homens mais populares da França. Paris adora-o; sem lhe fazerem as ovações que a gravidade republicana não comporta, cercam-no, onde quer que vá, duma simpatia comovida.

Em Inglaterra, mesmo, a satisfação pelo discurso do príncipe é grande. No fundo, a Inglaterra tem uma simpatia, digamos um *fraco* — é a França. E ama-a desinteressadamente: a Inglaterra é um país de raciocínio muito prático para sonhar quimeras, e supor que a França, porque um principe inglês ergueu o seu copo de champanhe e lhe dirigiu em francês muito parisiense algumas palavras de simpatia pessoal no calor dum bom jantar, — que a França vai, tôda reconhecida, apoiar a Inglaterra nas suas pretensões ou nos seus interêsses políticos.

A Inglaterra, por exemplo, na questão do Oriente, não conta com a França; não espera nada dela, em circunstância alguma, a não ser naturalmente aquele alto apoio moral, a simpatia de espírito que se devem a duas grandes nações que são no mundo responsáveis pelo progresso humano.

O amor da Inglaterra à França (que se tem sempre desenvolvido desde 1830, mas que tomou uma feição mais íntima desde a quéda do infecto império) tem bases seguras, com raízes no mesmo temperamento das duas nações, e é a garantia, creio, duma longa paz entre elas. Em primeiro, estimam-se como dois velhos combatentes leais, que foram, um para o outro, causa de grande glória; se a Inglaterra expulsou a França da Índia, a França promoveu e realizou a expulsão dos ingleses da América; se Napoleão durante dez anos teve, através do continente, a Inglaterra em completo *echec*, o leão britânico tomou a sua desforra em Waterloo; depois foram aliadas na Crimeia, e aliadas na China. Mesmo, combatendo-a ou recusando-lhe o seu auxílio, a Inglaterra fez à França impagáveis serviços: em Waterloo, desembaraçou-a dum tirano insensato; em 1870, deixando consumar o grande desastre, desembaraçou-a para sempre dos Bonapartes. Terminado o período da guerra, as relações comerciais das duas nações visinhas cresceram a ponto que, sem uma, a outra faria bancarrota. O inglês, que não sabe língua nenhuma, só condescende em aprender o francês; é por isso talvez que é a nação que mais visita; é raro o inglês que não tenha percorrido a França; socialmente, Paris é quási tanto a sua capital como Londres; se em Paris encontra a vivacidade, o brilho, a *verve*, a vida que o seduz, nas províncias encontra as sólidas qualidades que admira, e, sem as quais não concede a sua estima — as qualidades de trabalho, de virtude doméstica, de perseverança e de probidade.

A elegância de Eça de Queiroz

A França é o jardim da Inglaterra: é lá que o negociante vai descansar do tráfico da *City*, o fidalgo da monotonia da vida do campo, o professor dos trabalhos de escola, o clérigo da secura das missões.

E' a única nação que o baixo povo estima; *french* e *frenchman* são as palavras com que a população designa o estrangeiro amável; quando as ruas, nalguma gala nacional, se empavezam e se adornam, a única bandeira europeia que se vê é a heróica tricolôr; nos livreiros das mais pequenas vilas vendem-se livros franceses. O inglês tem um reconhecimento profundo ao país que produz o vinho de Borgonha; a inglesa é grata à terra que lhe manda as rendas de Lyon.

A gente menos educada, que não sabe qual é a forma do govêrno que rege a Espanha ou a Itália, está ao facto inteiramente da moderna história da França.

Nas classes ilustradas, a história e a literatura francesa são tão familiares como a inglesa.

Em todos os grandes jornais há diàriamente um artigo de fundo sôbre os negócios interiores da França: a campanha contra o ministério Broglie, o ano passado, era dirigida pelo «Times». A amizade da Inglaterra pela França é tão forte

Um retrato de Eça de Queiroz

que lhe faz sacrifícios: há um ano que a Inglaterra é aconselhada, instada, persuadida, tentada a que ocupe o Egipto: e porque tem resistido? para não ferir susceptibilidades francesas.

O «Daily Telegraph» disse num artigo memorável: «Percamos todos os interêsses, mas não desagrademos aos parisienses». E foi para agradar aos parisienses que a Inglaterra mandou à Exposição o que em arte e indústria tinha de melhor, do passado e do presente. É a Inglaterra certamente que mais concorre para o esplendor da Exposição, e a Inglaterra inteira, como dizem os grandes jornais, falou pela bôca do príncipe de Gales.

*

* *

Têm sido singularmente lamentáveis os sucessos de Lancashire, onde milhares e milhares de operários tecelões estão em greve. Os motivos desta greve são complicados e prendem-se com uma difícil questão de economia política. Em presença da grande depressão no comércio dos algodões e dos tecidos, os operários entendem que é necessário produzir menos para que os grandes depósitos existentes se esvasiem, e o equilíbrio se restabeleça: os patrões entendem que é necessário produzir na mesma proporção anterior, mas que é indispensável baixar o preço da mão de obra. Esta desinteligência produziu uma greve, a maior que se tem dado em Inglaterra há 50 anos. Greve, cuja especialidade bem triste foi a de que esteve próxima a tomar o aspecto de uma revolta. Os operários de Lancashire passaram sempre por ser os mais inteligentes, os mais sérios, os mais honestos da grande população obreira da Inglaterra: numa semana, num momento de irritação, de vingança ou de desesperança perderam esta nobre reputação. Hoje, os jornais sérios consideram-nos como «a mais infecta populaça».

Que se passou? Que os operários, em lugar de discutir tranqüilamente (como pediam os jornais sérios) o meio de conciliar as suas divergências com os patrões, preferiram fazer uma pequena insurreição local com todos os incidentes típicos — janelas quebradas, polícia apedrejada, etc.

Ao princípio, isto pareceu apenas um desabafo do temperamento exaltado: esperou-se que a razão voltaria, e com ela a intranquilidade. Mas, ou que a impassibilidade dos patrões diante desta manifestação de fôrça os irritasse, ou que as pequenas desordens locais lhes dessem o apetite duma verdadeira insurreição provincial, ou que uma multidão imensa de populaça vàdia e ociosa se viesse reünir, na esperança dos proveitos que a anarquia traz à massa mais séria dos operários, o facto é que o que começara por uma algazarra, ia terminando numa revolução. As janelas quebradas levaram às portas arrombadas: depois de algumas pedradas atiradas à polícia vieram os tiros dados contra as tropas; — e por todo o distrito que cerca Manchester, durante três dias, reinou uma anarquia que lembra as clássicas pilhagens dos carlistas nas clássicas guerras civis da Navarra.

Manufacturas incendiadas, casas destruídas, lojas de bebidas saqueadas, patrões perseguidos a tiros, reclamações forçadas de dinheiro e de provisões, nada faltou para dar ao distrito de Manchester o aspecto atroz de uma província em poder das hordas de Saballo ou de Dorregaray.

No entanto, a feição típica dêste sucesso é que os jornais radicais e liberais não só não se indignaram, mas nem sequer lamentaram: limitaram-se a lamentar secamente os ultrajes cometidos.

Das associações operárias não saiu um único protesto contra estas desordens. E não se pode negar que a insurreição tenha nas classes radicais uma vaga, uma imponderável simpatia.

Marechal Mac-Mahon

Tropas ràpidamente concentradas puzeram, naturalmente, fim a êste estado tumultuoso, e os patrões sentiram logo a necessidade de entrar em conciliação com os operários que montam a mais de cem mil.

Se esta conciliação se não fizer, creio que veremos graves acontecimentos.

Eça de Queiroz.

Apesar de todas as suas ocupações que eram enormes e afanosas, Eça de Queiroz não deixava de enviar as suas correspondências ao seu jornal com uma solicitude cativante. A lida do consulado de Newcastle dava-lhe bastante que fazer, alem dos extensos e bem trabalhados relatórios que pontualmente enviava ao seu ministro dos Negócios Estrangeiros, dando conhecimento da produção de minas, actividade comercial e industrial, de tudo, enfim, que um grande escritor tem sempre repugnância em tratar com autoridade.

Eis, pois, esta nova faceta do genial autor da «Ilustre Casa de Ramires».

Uma vista de Londres

A QUINZENA DESPORTIVA

Os ciclistas da Volta a Espanha tiveram um dos mais dificeis adversarios no pessimo estado de alguns caminhos, do que a nossa gravura é exemplo frisante

Visitou Lisbôa em meados do mês findo um grupo profissional inglês de football, o Brentford, quinto classificado da Liga, o qual disputou a equipas portuguêsas três desafios no espaço duma semana.

Empatando a 4 bolas no jogo de estreia com um selecção onde faltavam alguns titulares, os britânicos bateram depois com extraordinária facilidade o Sport Lisbôa e Benfica, parecendo dispostos a confirmar a opinião da crítica que os considerou mestres na arte de manejar a bola com os pés.

No último encontro, porém, defrontando o Sporting Club de Portugal, a classe incontestavel dos professores esbarrou na energia e decisão dos discipulos que saíram do campo prestigiados por uma honrosissima derrota pela diferênça mínima, 1-2, sendo êsse ponto de diferênça um lamentavel brinde do árbitro, a quem certamente parecia mal que os "papões„ estivessem a ser "comidos„.

Este resultado, embora nos não iluda quanto ao valor dos nossos grupos em relação ás bôas formações estrangeiras, prova no entanto uma vez mais que, na nossa terra, podemos ser perigoso adversário para qualquer. Subjugados em técnica e em preparação atlética, os jogadores portuguêses superam em coragem e vontade os grupos mais equilibrados, supreendendo-os e perturbando-lhes a mecânica de jogo.

Marcando o seu ponto no primeiro quarto de hora de luta, o Sporting conseguiu defender a vantagem até ao intervalo, o que teve o condão de irritar sobremaneira os inglêses; a tão apregoada correcção britânica habitualmente citada como modêlo quando os nossos grupos se excedem, não passa afinal, a julgar pelo comportamento dos homens do Brentford dum verniz que não resiste ao choque mais violento duma inesperada contrariedade.

A insuficiencia do director do encontro, que consentiu tôda a espécie de exageros e violencias aos visitantes, estragou por completo êste período do jogo, e se a calma reapareceu na segunda parte nem por isso o àrbitro merece louvor, pois brindou os ingleses com o empate proporcionando-lhes uma grande penalidade que foi uma autêntica enorme barbaridade.

O renome da equipa britânica não foi bastante para atraír ao Estádio grande afluência de público; a época em Lisbôa torna-se demasiado longa com a sequencia dos torneios oficiais, que afinal trazem sempre repetições dos mesmos jogos. Durante todo o mês corrente disputar-se-à ainda o campeonato nacional, cujo final está marcado para o primeiro domingo de Julho. Recordando que o torneio regional se iniciou em Outubro, teremos nove mezes de actividade footbalistica ininterrupta. Para um meio pobre, como o nosso, é sem dúvida exagerado.

■

O Comité Olímpico Português iniciou a campanha de propaganda para a representação portuguêsa nos Jogos de XI Olimpiada, que se inauguram em Berlim nos começos de Agosto próximo.

É necessário ao prestigio do País e ao bom nome do desporto português que os esforços daquêle organismo sejam coroados por um êxito financeiro e de um ambiente, que permitam deslocar à Alemanha um nucleo de representantes correspondente ás nossas possibilidades.

Desde 1912 que as côres de Portugal figuram em todos os desfiles olimpicos e algumas classificações temos alcançado que podem ser invocados com legitimo orgulho: os esgrimistas em Antuérpia, em Paris e em Amsterdão, os footbalistas na Holanda, os cavaleiros em Paris, os atiradores em Paris e em Los Angeles souberam dignificar o nome português, como, com a sua morte heroica, o cobrira de louros o desgraçado Francisco Lazaro, em Estocolmo.

Quais poderão ser, êste ano, os desportos selecionados?

Formaremos um primeiro grupo, o dos indiscutiveis, incluindo atiradores e cavaleiros pela sua classe, esgrimistas pelas suas tradições, e navegadores à vela por que um povo de marinheiros não pode faltar nessas provas; o atletismo tambêm, não pelo valor dos nossos especialistas, mas porque essa modalidade é a base essencial dos Jogos e a abstenção dum país, concorrente noutros desportos, é considerada um testemunho de insuficiencia vexatória.

Na sua conferência de 19 de Maio na Sociedade de Geografia, o ilustre presidente do C. O. P., sr. dr. José Pontes, apontou já a probabilidade de escolha de dois corredores da Maratona, escolha que aplaudimos incondicionalmente pois nos parece esta a única prova na qual os nossos homens podem alcançar uma classificação média, sem fulminante eliminação como têm sucedido e sucederá aos corre-

A «équipa» do Sporting com o grupo inglês Brentford antes de disputarem o desafio que teve um resultado altamente honroso para o foot-ball português

O grupo feminino de «hockey» do Club I. de Foot-Ball

dores de velocidade pura. E' possível que, uma vez mais siga na caravana um especialista dos 100 metros, creditado em provas nacionais de dez segundos e quatro ou três quintos; será mais uma desilusão que nos espera.

Analisando os jogos desportivos incluidos no programa olímpico, apenas dois prendem a atenção: o football e o basket.

O primeiro poderia fazer-se representar em Berlim, embora sem probabilidades de êxito; mas o torneio olímpico tem "chumbo na asa„ e não merece o sacrificio que a Federação se imporia para deslocar o grupo nacional. O segundo, o basket, não prestou ainda provas bastantes para demonstrar a sua classe internacional.

Existe, contudo, uma modalidade onde os progressos têm sido extraordinários e cujos campeões são dignos de atenção do Comité Olímpico; referimo-nos ao ciclismo em estrada.

Não levamos o otimismo ao ponto de afirmar possíveis vitórias, mas estamos certos que os rapazes da bicicleta obteriam um honroso lugar entre os adversários.

Uma equipa composta por José Marques, Joaquim Fernandes e Felipe de Melo, tendo chefia-la a inteligencia de Alfredo Trindade, isto no caso de se não revelarem outros valores que superassem êstes que, por agora, parecem os melhores, envergaria as côres nacionais com tanta propriedade como qualquer dos desportistas selecionaveis que anteriormente apontamos.

■

Enquanto se debate ainda no terreno das incertezas a organização da Volta a Portugal em bicicleta, que êste ano parece comprometida pelas exigencias dos dirigentes incapazes de criar, mas sempre prontos a parasitar as iniciativas alheias; enquanto em França prossegue cuidadosamente a preparação do seu "Tour„, privado dum dos mais apreciados atractivos pela ausencia de equipa italiana, conseqüência estranha do regime de sanções; em Espanha aproxima-se já do fim a prova equivalente, cuja segunda edição 1936 seguiu um percurso autênticamente periférico, com principio e fim no coração do país, em Madrid.

Concorreram à prova alguns especialistas belgas, um dos quais, Jorge Deloor, triunfara da Volta anterior; ao cabo duas primeiras jornadas, particularmente dificultadas pelo péssimo estado do caminho, já êste homem occupava o primeiro lugar da classificação com uns bons oito minutos de vantagem sôbre o imediato. A partir dêste ponto, a prova perdeu interêsse e as médias diárias baixaram consideravelmente, ao ponto de serem algumas caminhadas percorridas a menos de trinta à hora.

A razão é evidente; o belga, seguro da sua posição limita-se a defendê-la, e como os espanhois não mostram classe para lhe dar batalha, a luta caiu na monotonia e limita-se a escaramuças finais para conquista da vitória na étapa.

Em Itália, onde a Volta ciclista está em plena actividade, a competição não conseguiu ainda despertar entusiasmo. Os concorrentes acompanham-se durante o percurso e disputam a classificação na embalagem, em grupos de cinqüenta e mais homens.

Estas considerações fazem-nos reconhecer que a Volta nacional é conduzida com bem melhor espírito desportivo, e oxalá as dificuldades se resolvam para que o público — que tanto a estima — não seja privado êste ano da sua prova predileta.

■

O concurso de Gimnástica Educativa promovida pelo Gimnásio Club Português, realizou-se nas condições exactamente previstos na nossa última crónica.

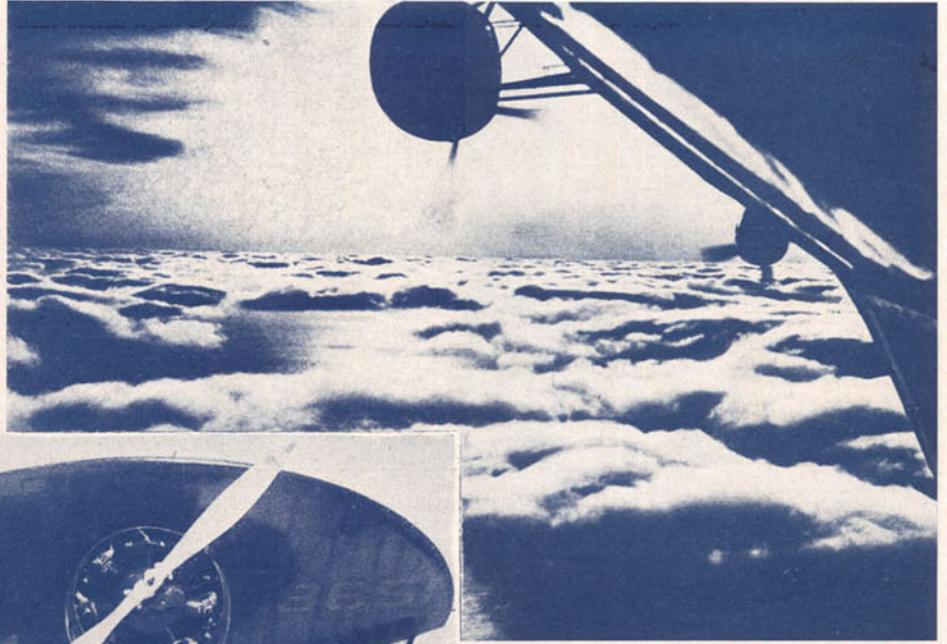
A escassez do tempo de preparação impediu a presença da maioria dos possíveis participantes e, como a lógica indicava, apenas compareceram a dar provas os institutos de internato de estabelecimentos militares e algumas das classes do clube organizador.

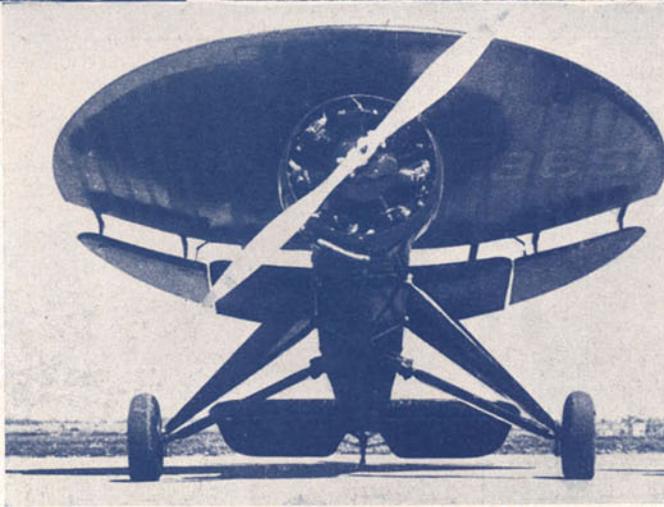
As lições executadas agradaram de modo geral, sendo algumas delas verdadeiros triunfos para os professores que as dirigiram. A figura máxima do concurso foi o capitão dr. Leal de Oliveira, cujas classes venceram as duas categorias a que concorreu: senhoras e adultos.

O grupo de alunos da Escola Militar, com os quais obteve a primeira classificação, executaram um esquema dificilímo, artístico, com primorosa e impecavel correcção. E' um nucleo capaz de representar Portugal em qualquer competição com os bons especialistas dos outros países.

Salazar Carreira.

O grupo feminina de «hockey» do Sport Club do Pôrto

ASSUNTOS DE AERONÁUTICA

A célebre aviadora inglesa Amy Mollison terminou no dia 15 do mês findo um vôo sensacional, em que bateu os «records» do percurso Londres-Cidade de Cabo e volta. Partiu de Gravesend no dia 4 e atingiu a capital da União Sul Africana em 3 dias 6 horas e 26 minutos. Descansou três dias e no dia 10 levantou novamente vôo, de regresso à metropole. Neste trajecto bateu por uma diferença de 38 horas o anterior «record», de que era detentor Tommy Rose. A' sua chegada ao aeródromo de Croydon Amy Mollison foi aclamada por uma multidão de mais de 5.000 pessoas.

A nossa gravura representa a intrépida aviadora, instantes depois da sua descida em Croydon, acarinhando com efusão o seu cãosinho predilecto. A seu lado vê-se sir Gibson, director-adjunto da Aviação Civil, que lhe foi apresentar felicitações em nome do Ministro do Ar.

A primeira travessia Alemanha-Estados Unidos realizada pelo dirigível «Hindenburg» constituiu um êxito indiscutível, que demonstrou a elevada perfeição da indústria da construção aeronáutica alemã. A bela fotografia que acima reproduzimos foi tirada de bordo do «Zeppelin» no momento em que êste sobrevoava um verdadeiro mar de nuvens. Nalguns pontos distingue-se a superfície do Oceano. Em primeiro plano, dois dos poderosos motores da aeronave.

No aeródromo de Glenville, Estado de Illinois (E. U.) pode vêr-se um avião de formas pouco vulgares, que a nossa gravura da esquerda reproduz. Trata-se dum aparelho de asa circular sôbre o qual se efectuam minuciosas experiências, que são seguidas com o maior interesse pelos meios aeronáuticos norte-americanos. O inventor do avião propõe-se aumentar dêste modo o poder de sustentação do aparelho, o que oferece, sob determinados aspectos, importantes vantagens.

A CONQUISTA DA ETIÓPIA PELOS ITALIANOS

Após o decreto que anexou a Etiópia e criou o Império italiano da Africa Oriental, as tropas do marechal Badoglio procedem à ocupação efectiva do país. Esta encontra-se porém muito longe ainda de estar realizada, pois extensas regiões a ocidente do país permanecem insubmissas. Fala-se mesmo na existencia dum Govêrno etíope em Gore a que preside, segundo se crê, o «rás» Imru. As gravuras acima ilustram alguns aspectos da tomada de Adis-Abeba.

A' esquerda uma rua da capital após os tumultos que precederam a ocupação.

A' direita, o marechal Badoglio fazendo a sua entrada solene à frente das tropas.

FIGURAS E FACTOS

Dr. Nuno Simões

O espírito cintilante do Dr. Nuno Simões é como a água das nascentes: não pára nunca, seja para dulcificar a vegetação sequiosa, seja para mover os moinhos que nos dão o pão. Desta vez, Nuno Simões ocupa-se das «Pescarias e conservas de Peixe», traçando preciosas notas sôbre a evolução do seu comércio. E até mesmo neste estudo maciço, salpicado, aqui e além, de frios algarismos, o escritor mantem o seu estilo fluido e atraente.

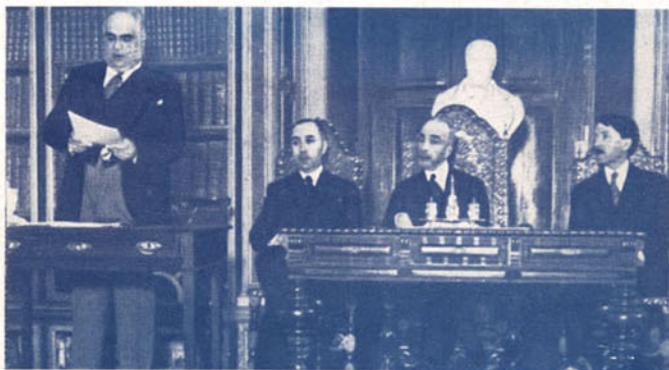
O artista acompanha magnificamente o sábio, fenómeno que raras vezes se dá nos tempos que vão correndo.

Benção das pastas

NA igreja dos Mártires realizou-se no dia 17 a benção das pastas dos estudantes católicos da Universidade de Lisboa. Presidiu à cerimónia o sr. cardial-patriarca de Lisboa, que oficiou missa acolitado pelos srs. drs. Carneiro Mesquita e Bernardo Cabrita.

Dr. Cerqueira Magro

«MATINAIS DE SEIXOSO» livro dado agora á estampa pelo dr. Cerqueira Magro, é uma colectânea de velhas recordações do autor que evoca com saudade a sua infância distante. No volume agora publicado sob o título «Jantar de três felizes condiscípulos», empolga saudosamente. De resto o nome do dr. Cerqueira Magro é sobejamente conhecido, não só pela sua proficiência, como pelas obras literárias que o afirmaram um escritor primoroso, brilhante e emotivo. Das páginas encantadoras dêste livro ressaltam evocações de tempos idos. O autor, dando largas ao seu talento, recorda — e «recordar é viver!»

Eugénio d'Ors

A Academia Nacional das Belas Artes recebeu solenemente o filósofo e pensador espanhol Eugénio d'Ors, que fez uma comunicação de alto interesse intitulada «O baroco como constante história. Presidiu o sr. dr. José de Figueiredo, ladeado pelos srs. dr. Gustavo Cordeiro Ramos e arquitecto Raul Lino. A gravura mostra o eminente visitante lendo a sua comunicação. A apresentação do conferente foi feita pelo sr. dr. José de Figueiredo em termos muito elogiosos.

Antigos alunos da Casa Pia

UM grupo de antigos alunos da Casa Pia, que concluiram o curso comercial em 1902 e 1903 visitou no dia 16 aquêle estabelecimento de ensino, como testemunho de reconhecimento à casa onde fôram educados. Receberam os visitantes o director e sub-director da Casa Pia, srs. coronel Câmara Leme e Fausto de Sá Marques. A' noite houve num restaurante da capital um banquete de confraternização que decorreu muito animado trocando-se entusiasticos brindes.

Novo embaixador do Brasil em Lisboa

A bordo do «Arlanza» chegou no dia 16 a Lisboa o novo embaixador do Brasil junto do govêrno português, sr. dr. Artur Guimarães de Araújo Jorge. O distinto diplomata é simultâneamente um escritor ilustre, autor de alguns livros que documentam a sua erudição. A fotografia mostra-o à chegada com algumas das pessoas que o foram esperar. O sr. dr. Araújo Jorge entregou as suas credenciais no dia 25.

Eduardo Malta

EDUARDO MALTA, o festejado pintor que todos conhecem e admiram está seguindo as pisadas do seu ilustre antecessor Manuel de Macedo: dedica se a fazer literatura. Simplesmente o Doré português escrevia por vício incurável, ao passo que Eduardo Malta o faz quando «se cansa de pintar e necessita de se distrair». O seu novo livro «No Mundo dos Homens» atrai a tal ponto que não sabemos que desejar: que se fatigue de pintar, ou de escrever, visto que enquanto faz uma coisa não pode fazer outra e com ambas nos encanta e delicia.

Sosseguem, mulheres! Rapazes, cuidado!

ACABARAM-SE as traições, acabaram-se as intrujices.

Nós, pobres mulheres, temos sofrido tudo quanto a êles os distrai.

Os seus amores novos, os seus "flirts„, os seus namoricos, que para êles são encanto e prazer, para o nosso coração sensível, são outras tantas punhaladas.

E que fazer senão resignar, calar e ir agüentando mentiras e mais mentiras?

Se êles têm um tal jeito para enganar e convencer-nos de que não há nada, que tudo são ideas nossas, invenções do nosso espirito, miragens enganadoras do nosso feitio ciumento...

Mais marquesa, menos marquesa, mais plebeia, menos plebeia, no fundo tôdas as mulheres são iguais, quando se trata de guardar ou reconquistar o homem querido que ameaça ir plantar, noutros corações, o seu pavilhão de conquista.

Arrufos, questões, propósitos de rompimento ditados pelo despeito, tôdas gritam — ou sentem marulhar dentro do peito ansioso — o desabafo da Severa, ao Marialva:

— "És tu que eu amo, és tu que eu quero, meu grosseirão!„

■

Mas descansem, minhas senhoras, vêm aí tempos melhores.

Já são passados os dias lastimosos de queixumes e rogos para um amor mais sincero e menos doidivanas.

Fora com as lágrimas, digam um adeusinho trocista a essa marota da desventura amorosa.

Ela já não volta a passar-nos á porta.

Agora estamos bem armadas, e com as armas da justiça. Pois então!

Eles pensavam que havia de ser sempre a mesma pandega. Amar aqui, amar acolá, e a pobresinha, a titular oficial do seu amor, que engulisse as lágrimas, de vergonha para que ninguém a visse sofrer, que é humilhante saber-se preterida por outra, mesmo interinamente, mesmo por um simples capricho, um desejo passageiro.

Nada! Isto agora é "outra loiça„, como se dizia numa engraçada copla de revista.

Isto agora muda muito de figura.

Não, que êle custa de-veras passar uns meses "à sombra„, entre as quatro paredes dum calabouço.

Os homens agora, cada vez que traírem a sua mulhersinha, vão ter três meses de cadeia — três meses.

Eu bem sei que há homem capaz de estar engaiolado mais tempo ainda, para saborear uma conquista ambicionada.

Mas a maioria não há de gostar, isso é que nos vale.

E como é isto, como é? Hão de querer saber as minhas irmãsinhas na tortura de amar.

É uma lei, minhas senhoras, uma lei que acaba de ser aprovada.

Cada traição tem o seu castigo.

Agora é que êles vão saber como elas doem.

■

Mas há mais e melhor. É costume que os rapazes de agora têm — e creio que é pecha antiga — de se fingirem grandes, ricos, de alardearem posições vistosas e de prestigio na sociedade, para melhor ganharem a confiança da familia da noiva apetecida.

E há quem caia na rêde, e depois vem a dar tudo em nada.

O sujeito, conde, marquês, ou quási milionário, sai afinal um valdevinos, um calmeirão preguiçoso, sem vintém, só tendo de seu as pedras da calçada e as sopas dos amigos.

Ou, então, vive de expedientes, na mira de um bom casamento, se é bonitote e desempenado, embora pobre de inteligência.

Ele há mais quem se fie e se prenda nas aparências dum físico agradável, do que nos primores do espírito.

Mas isso também se acabou.

Cuidado, rapazes!

Se se descobre a intrujice, se o que vocês dizem à pequena é mentira, se não têm a franqueza de se mostrar tal qual são, sem basófias, nem gabarolices, a cadeia lá está à sua espera.

Cada mentirola corresponde a um certo prazo de reclusão, longe de tôda a convivência feminina que tanto apreciam.

E é um homem, — um homem, a quem talvez os remorsos de tanto ter traído quem muito o amou, ditaram a sua conduta — que fez vingar esta lei, para castigo dos seus irmãos na traição e na deslealdade.

Grande homem! Bem merece uma estátua — êste benemérito do pobre sexo fraco.

O remorso não é uma palavra ôca, sem sentido, um *truc* literário para dar o estremecimento ao leitor; não, o remorso é um sentimento a que ninguém foge, por mais forte que se faça contra essa fraqueza — no dizer do criminoso inveterado. O que chega às vezes é tarde, quando já nada remedeia.

E não há criminoso mais inveterado na arte de trair do que o homem apaixonado.

Mas desta vez, não há razão de queixa. O legislador ainda está novo para se emendar e mesmo que seja como o frei Tomaz, o sermão sempre dará os seus efeitos benéficos.

■

Estão contentes, minhas senhoras?

E vocês, rapazes, estão fulos, não é verdade?

Pois é agüentar, mulheres que me lêem, é continuar a trair e a intrujar, meus interessantes adversários.

Estas coisas não são para os portugueses.

Passam-se na Roménia. E primeiro que cheguem até nós, ainda o mundo dá muita volta.

Já queriam, não? Boa partida! Estes romenos... quem os dera cá!

Mas não desanimem, mulheres portuguesas. É ir esperando com resignação, porque um dia virá em que à consciência dos nossos legisladores se imporá também a necessidade de aplicar sanções severas aos que se dedicam aos doces prazeres da traição amorosa.

Mercedes Blasco.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Politeama

Nos primeiros dias do corrente mês, deve realizar-se no teatro Politeama, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da benemérita instituição Casa de Proteção e Amparo de Santo António, na qual será representada uma revista escrita expressamente para essa festa pelo aplaudido comediógrafo e inspirado poeta humorístico Acácio de Paiva, nosso colega nas lides de Imprensa, a qual será desempenhada por um grupo de amadores da velha guarda, pertencentes á nossa melhor sociedade, entre os quais figuram D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Maria Adelaide da Gama Sepulveda, Luís da Gama, D. Nuno de Almada e Lencastre (Soto d'El-Rei), José Amado, D. José de Siqueira (S. Martinho), e muitos outros. Nos coros e bailados que estão sendo ensaiados pelo brilhante bailarino Francis, tomam parte grande número de meninas e rapazes da nossa melhor sociedade.

Os poucos bilhetes que restam para esta elegante récita de caridade, devem ser pedidos pelo telefone 2 4512.

No Nacional

No teatro Almeida Garrett, deve se realizar nos primeiros dias do corrente mês uma récita de caridade a favor duma benemérita instituição, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual fazem parte as seguintes: D. Branca de Atouguia Pinto Basto, Condessa de Vale de Reis, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebêlo da Silva, D. Maria Inácia de Castelbranco, D. Maria de Lancastre Van Zeler, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patrício, D. Maria Tereza de Lancastre de Castelo Branco, e D. Sara da Mota Vieira Marques, na qual será representada a lindíssima peça hespanhola, «E' preciso viver», traduzida pelo escritor e nosso colega na Imprensa José Sarmento, que tanto êxito obteve há anos no teatro Politeama, quando pela primeira vez foi representada pela companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, estando agora o seu desempenho a cargo de um brilhante grupo de amadores pertencentes à nossa primeira sociedada, completando o espectáculo vários bailados, que estão sendo ensaiados pela notável professora e bailarina Ruth Aswin, e em que tomam parte grande número de meninas e rapazes da nossa melhor sociedade.

Os bilhetes para esta linda festa de caridade, devem ser pedidos pelos telefones 2 7538 ou 4 1652.

No Maxims

Nos vastos salões do «Maxim's» realizou se na noite de 20 de Maio último, uma elegante festa de caridade, promovida pela Liga de Defeza do Gerez, a favor dos pobres daquela estância, que constou de «ceia à americana», durante a qual os notáveis artistas Beatriz Costa se fez ouvir nas suas melhores criações, Maria Cristina, em lindas canções, Maria Paula deliciou a assistência, em algumas canções em português e espanhol, Maria Laura, cantou mais um vez os seus tangos, Estevam Amarante, cantou dois fados alegres, e Villaret, fez as suas belas imitações, sendo todos os notáveis artistas muito aplaudidos pela selecta assistência, que enchia por completo o salão de festas, entre a qual se notavam grande número de famílias da nossa melhor sociedade e do corpo diplomático.

A certa altura o sr. dr. Gomes Mota, presidente da Liga de Defeza do Gerez, agradeceu a todos o seu auxílio àquela obra de beneficência, salientando a valiosa coadjuvação que teve na sr.ª D. Maria Primitiva Muiños Fernandes.

No final foram leiloados pelos artistas presentes, artísticos brindes oferecidos pela Fábrica de Espelhos União e pela Chapelaria Elite, tendo alguns atingido elevados preços.

A todas as senhoras presentes foram oferecidos artísticos brindes pela Perfumaria Mimosa.

Festas como esta honram sôbremaneira quem as organiza, não só pelo fim a que se destina, como pelo aspecto artístico que revestem.

Em Évora

Acabam de se realizar em Évora, umas interessantes récitas por amadores, em que foi representada, com extraordinário êxito a revista «Palhas e Moinhas», original dos srs. Raul Cordeiro Ramos e João de Vasconcellos e Sá, dois escritores já consagrados, sôbretudo o segundo, como revisteiro e poeta inspiradíssimo. Nesse novo trabalho, tiveram os autores mais uma vez ocasião de evidenciar os méritos, apresentado uma encantadora peça que deixou durante as várias noites em que foi representada a melhor impressão no público selecto que encheu o teatro, composto não só de famílias de Evora, como de Estremoz, Montemor, de Arraiolos e outras terras próximas.

Entre os números de maior êxito salientemos «Mestre», «Lenga-lenga», que foram trisados, «Mulher ao Natural», «Foot-ball», «Sannago», «Migas e pai», «Moinho», «Bailado de «Ninon», que foram bisados, «Passeio», «Ruinas», «Mandadeiras», «Manda quem sabe...», e «Hino aos porcos». Há-os tambem de recorte delicado, como «Pintadinha», «Ceifeiros», e «Café de Serafim», que também foram bisados e «Quadro Popular», «Alma da Azinheira», e «Portugal pequenino».

Em alguns dos números tomaram parte perto de vinte figuras femininas, sendo a sua encenação esplêndida, movendo se com uma certeza apreciavel em amadores que são leigos nesse género de teatro, pois era a primeira vez que entravam numa peça como «Palhas e Moinhas».

Ainda nesta revista há a salientar três rábulas de bom recorte, como «Atiradiço», «Confusão» e «Penúrias».

Com relação ao desempenho diremos que todos os improvisados artistas se portaram à altura das circunstâncias, não, podendo contudo deixar de salientar D. Idalina Mosca, D. Maria José Vilas Boas, D. Octávia Pascoal, D. Maria Ernestina Rosado, D. Gracinda de Sousa, D. Adelina Silva, D. Mariana e D. Adelina Salgueiro.

Antes de encerrar estas linhas, não quero deixar de felicitar todos os intérpretes, bem como os autores e organizadores dêsses belos espectáculos de arte e elegância.

Casamentos

Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.ª D. Maria Tereza de Sousa Rego de Campos Henriques, filha do distinto engenheiro da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sr. Artur Alberto Meireles de Campos Henriques, com o sr. Rui Machado da Cruz, filho da sr.ª D. Palmira Machado da Cruz e do sr. Manuel Pereira da Cruz, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria da Natividade Meireles de Campos Henriques, avó paterna da noiva, e D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, tia materna da noiva, e de padrinhos os srs. dr. Ivo Cruz e Olavo Cruz, irmãos do noivo, sendo o acto presidido pelo prior da freguesia, reverendo António de Oliveira Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no orgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência do avô materno da noiva, o ilustre engenheiro sr. Alvaro de Sousa Rego, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na igreja do Corpo Santo, presidido pelo monsenhor dr. Pereira dos Reis, reitor do Seminário dos Olivais, que antes da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Iglésias Viana Roquete, interessante filha da sr.ª D. Maria da Graça Iglésias Viana Roquete e do sr. João Viana Ferreira Roquete, já falecido, com o sr. José Manuel de Almeida d'Orey, filho da sr.ª D. Fernanda de Almeida d'Orey e do sr. José Manuel Pestrelo d'Orey, servindo de madrinhas a mãi e a tia da noiva, sr.ª D. Helena Iglésias Viana, e de padrinhos os srs. Frederico de Albuquerque d'Orey e Francisco de Almeida d'Orey, respectivamente avô paterno e irmão do noivo, seguindo-se a missa resada por um dos reverendos do Corpo Santo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia, foi servido na elegante residência da mãi da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo prior da freguesia do Santo Condestável, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial da Luz, o casamento da sr.ª D. Maria Tereza Carneiro de Sousa e Faro, gentil filha da sr.ª D. Maria Leopoldina Carneiro Ferreira de Sousa e Faro e do Almirante sr. José de Sousa e Faro, com o sr. D. Caetano José Velho de Melo Cabral, filho da sr.ª D. Maria Leopoldina Albergaria Velho de Melo Cabral e do sr. D. João Borges Velho de Melo Cabral, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a sr. D. Cecilia Ferreira de Abreu Pereira e de padrinhos o pai da noiva e o sr. José Monteiro, sub director da Alfândega. Sua Santidade dignou-se a enviar aos noivos a sua benção.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche, partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para o Estoril onde fôram passar a lua de mel.

— Na capela do Paço Patriacal, realizou-se o casamento da senhora de Sopisse de Samothe, pertencente à melhor aristocracia francêsa, com o nosso compatriota sr. conde de Obidos, representante de uma das mais nobres famílias de Portugal, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, o sr. Amé Leroy, ilustre ministro de França em Portugal e por parte do noivo os srs. D. Pedro de Melo de Assis Mascarenhas e conde da Fóz, respectivamente irmão e cunhado do noivo, sendo o acto presidido por Sua Eminência o senhor Cardeal Patriarca D. Manuel Cerejeira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução em francês, sendo acolitado à missa pelos reverendos cónego Móra, monsenhor Pinheiro Marques e dr. Honorato Monteiro.

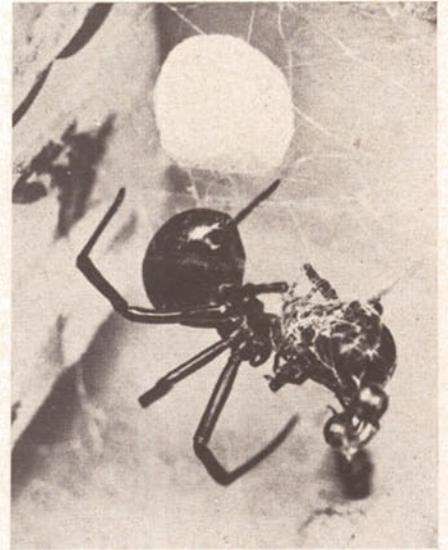
No final da cerimónia, foi servido na elegante residência da sr.ª D. Maria Izabel de Melo de Assis Mascarenhas de Barros e do sr. João de Macedo Barros, irmã e cunhado do noivo, um finíssimo almoço.

— Para seu sobrinho o sr. dr. Arnaldo de Sampaio, distincto clínico interno dos Hospitais Civis, e professor, foi pedida em casamento pelo coronel sr. Alcino Machado e espôsa, a sr.ª D. Fernanda Bensaude de Lemoine Branco, interessante filha da sr.ª Sara Bensaude de Lemoine Branco e do comandante sr. Fernando Augusto Lemoine Branco, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros e da Marinha, escritor e promotor de justiça do Supremo Tribunal Militar, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Noémia Caldeira Machado, gentil filha da sr.ª D. Maria José Caldeira Machado e do sr. Anibal Cézar Machado, com o tenente de engenharia sr. Edmundo Tércio da Silva, filho da sr.ª D. Izabel Maria Tércio da Silva e do sr. Carlos Eugénio Tércio da Silva, servindo de madrinhas as sr.as D. Fernanda Machado Gouveia e D. Helena Maria da Silva, sendo o acto presidido pelo reverendo António Oliveira Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finissimo lanche da pastelaria «Versailes» partindo os noivos, aquem fôram oferecidos grande número de valiosas prendas, para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

D. Nuno.

Curiosidades animais

A gravura acima mostra o acto final duma das mais incríveis tragédias do Mundo dos insectos. Uma aranha negra procede à operação de devorar o macho a cujas graças se rendeu e com quem compartilhou as delícias do amor. Esta operação em que o pobre insecto é vítima da voracidade da esposa, parece ser indispensável para a boa fecundação dos ovos donde hão-de nascer as futuras aranhas.

Forçado por motivos de saúde a viver continuamente no ar livre, Karl Lindauer resolveu o problema, como se vê na gravura à esquerda, fazendo-se transportar num pequeno veículo puxado por cães, em que percorre continuamente os Estados Unidos. Os inteligentes quadrupedes fazem-lhe ainda uma guarda ciosa, o que explica o letreiro «cuidado com os cães» que se distingue na parte dianteira do carro. Nota-se também, como pormenor curioso, o cão sôbre o tejadilho, que exerce neste caso as funções de peça sobressalente.

Alguns biologos têm-se dedicado nos ultimos tempos a inquietantes experiências, que causam o assombro dos profanos. Sabe-se que por um jogo apropriado das substâncias hormonais é possível fazer variar os sexos e transformar em macho um animal que nasceu fêmea ou vice-versa. A ciência entra assim deliberadamente pelo campo das modificações da Natureza e promete-nos a êste respeito surpresas ainda mais sensacionais. As imagens reproduzidas à direita ilustram um caso pouco banal. O professor de biologia W. Franklin, da Universidade do Maine, nos Estados Unidos, conseguiu criar um boi unicórnio. Por êste caminho está-nos, por certo, ainda reservado ver gerar monstros que excederão em fantasia as mais arrojadas concepções mitológicas.

Os trabalhos do professor Franklin vêm sendo de há muito seguidos com o mais interêsse pelos meios científicos do Mundo inteiro. Baseado em teorias originais, o sábio professor espera chegar a resultados mais extraordinários ainda, que se em boa verdade de pouca ou nenhuma utilidade são, contribuem no entanto para esclarecer certos problemas da mais alta importância, que se prendem com as origens da vida animal, um dos mais palpitantes mistérios.

Há quem pretenda que o riso é próprio do Homem, o que parece estar em contradição com as fotografias aqui reproduzidas. Da esquerda para a direita vemos: a gargalhada franca da zebra, o sorriso irónico do leãozinho, a hilariedade do cavalo e o riso sarcástico e agressivo do hipopótamo. Todos êles riem, ou pelo menos parecem rir, como se um incidente picaresco tivesse despertado o seu sentido do humor. Mas não se tratará afinal dum jogo dos maxilares em que a nossa imaaginação encontra semelhança com o riso?

PÁGINAS FEMININAS

A falta de respeito pela mulher é cada vez maior na sociedade moderna. A mulher tem hoje muito mais liberdade, muito mais direitos, tôda a facilidade em dispor de si e da sua vida, em compensação é muito menos respeitada.

O que causa esta diferença é fácil de descobrir observando a sociedade de hoje. A mulher é a única culpada de que o homem não tenha por ela o respeito que dantes por ela tinha e tenha posto de parte tôdas as atenções que lhe dispensava.

A mulher tornou-se para o homem uma camarada, com quem é mais agradável tomar um "cocktail" e fumar um cigarro do que com um amigo, porque pode tentar conquistá-la se ela for interessante e isso o divirta. Fazer a côrte é uma frase, que já se não pode usar, porque implica a intenção de ser amável, de ter atenções e cuidados, que estão muito longe do espírito do homem de hoje e que se tornariam para ela verdadeiras maçadas.

Efectivamente não vale muita a pena fazer uma grande cerimónia, com uma senhora a quem se conhece muito bem a plástica, por ter passado horas, junto dela, quando em "maillot" se torra ao sol, com quem se bebe e fuma, diante de quem se pode ter as mais livres conversas, porque não é bota de elástico, e consideraria ridículo que se não falasse com liberdade diante dela, com quem se faz "ski", com um trajo semelhante, e que é afinal o que agora se chama um "camaradão". E' verdade que o "camaradão" faz a par disso todos os esforços para agradar ao homem, mas em que consistem êsses esforços? Em se pintar escandalosamente da ponta das unhas à ponta dos cabelos, confundindo-se na sua maneira de ser com pessôas que pela sua infelicidade, dantes se não confundiam com as senhoras e em tomar atitudes que pode ser que agradem num sentido, mas que nunca inspirarão respeito e atenções. Mas se as senhoras da sociedade assim justificam pela sua maneira de ser, a falta de atenções o que não diremos dessas mulheres, que se ocupam de política, numa fúria destruidora, e, que são piores que os homens na reivindicação de direitos que uma mulher com pudor não ousa sequer mencionar.

Eu bem sei que desde 1786, em tôdas as revoluções têm aparecido viragos e megéras de arrepiar os cabelos, mas antigamente pertenciam às classes baixas e era a miséria que as impelia a êsse ódio à sociedade formada.

Hoje não é assim, são mulheres cultas, mulheres que se deviam respeitar e que deviam usar das suas prerogativas de mulher, para adoçar uma situação tão grave, para procurar trazer a paz aos espiritos e não irritá-los, como verdadeiras fúrias.

A mulher como espôsa e como mãi é a base da sociedade, e que poderemos nós esperar duma sociedade em que a base é, ou uma mulher pintada e fútil bebendo e fumando por elegância não porque isso lhe agrade muitas vezes, ou uma fúria incitando os homens às piores violências.

E no fim a mulher queixa-se, lamenta-se de que o homem não a respeita e não tem com ela atenções. Nem as pode ter.

Se a mulher de hoje com a cultura incomparavelmente maior do que a que teve a sua mãi e a sua avó, soubesse manter na vida a linha de senhora e a compostura, que estas tiveram, seria um ente perfeito.

A perfeição não é dêste mundo mas, no entanto, com um pequeno esfôrço seria talvez fácil conseguir uma pequena modificação. Se a mulher fútil se convencesse que menos pintada e com modos mais comedidos, seria mais interessante, e se a mulher activa na política se convencesse, que menos violenta poderia ter uma melhor influência. as coisas modificavam-se e como conseqüência imediata ela

veria aumentar o respeito do homem e seria de novo rodeada das atenções, que se lamenta de ter perdido.

Maria de Eça.

A moda

ACENTUA cada vez mais a moda a sua tendência para as côres brilhantes e para os tecidos leves e vaporosos. E' uma tendência que só póde agradar e ter sucesso nesta época do ano, em que tudo alegra o espirito e predispõe bem.

Nos pequenos detalhes da «toilette» feminina que tão grande importância têm no conjunto também a moda está agradabilíssima e muito simpática à vista.

As golas e guarnições de cambraia e de «organdi» de seda e algodão, dão uma frescura cheia de graça aos vestidos e tornam-nos encantadores nesta época.

Que as golas de cambraia em todos os vestidos de verão ou de inverno são muito apreciaveis e dão sempre o melhor efeito. E' uma guarnição fresca e que tem sempre o melhor acolhimento por parte das senhoras que têm o bom gôsto de alegrar discretamente a sua «toilette».

Damos hoje dois modêlos de vestidos de noite ambos lindos e duma elegância indiscutivel. Um dêles é em «taffettas ciclamen» sem qualquer guarnição que não seja na própria seda. As mangas elegantíssimas formam uma espécie de asas, tôdas em folhos, cujas bordas são endurecidas com cordões metidos.

A frente do vestido é guarnecida no busto, com dois folhos também enfeitados com cordões. A saia justa nas ancas sai do «empiécement» formando amplas pregas, pelo seu córte em «godets».

O outro vestido é um florido «crêpe marrocain», fundo preto e flores brancas. A frente do vestido é guarnecida com uma «coquillage» e flores em «organdi» de seda branca, é completado com um elegante casaco no mesmo tecido dêstes a que agora chamam «smoking» e que é complemento indispensavel dos vestidos de jantar. E' uma «toilette» deliciosa que alia à elegância, uma grande distinção.

Como chapeus têm as nossas leitoras dois modêlos lindíssimos. Um em palha «picot» azul escura, tem o alto da copa e o laço que o guarnece atrás em feltro da mesma côr.

O outro é um galante chapelinho que pela sua fórma nos transporta à época do 2.º Império e nos recorda a beleza da imperatriz Eugénia. Em palha preta brilhante é guarnecida na frente por um renque de flores em veludo côr de rosa e um veu de tule preto que fórma umas laçadas sôbre as flores e cai atrás em duas longas pontas. E' do mais gracioso efeito.

Para o género simples um vestido num tecido de algodão fundo branco com desenhos vermelhos, botões vermelhos e cinto da mesma côr que dão um alegre tom ao vestido. Chapeu de palha panamá branco e luvas de camurça.

O penteado está-se modificando de dia para dia e os cabelos que vão crescendo mais aumentam as probabilidades de variar na maneira de colocar os cabelos. O penteado de hoje tem a fórma um pouco asiática, do que é usado pelas mulheres do Anam e só póde convir a uma senhora morena e de cabelos negros.

O cabelo liso é puxado para o alto da cabeça onde se formam rolos preparados com ganchos, para ter êsse aspecto de repuxado, que têm em geral os penteados orientais

E' para notar também a linda joia moderna, que guarnece o pescoço da elegante senhora que usa êste penteado. E à vista dos modelos apresentados as nossas leitoras concordarão, que a moda favorece e muito, a beleza feminina.

Higiene e beleza

NÃO há nada mais feio do que ver através das meias de seda, transparentes, umas pernas cheias de pelo. Há quem use a «gilette» contra êles, mas depilar as pernas dessa maneira faz com que os pelos engrossem e aumentem em vez de desaparecer.

O verdadeiro sistema para conseguir umas pernas que não dêem êsse mau efeito é usar um depilatório.

Nada mais fácil do que fazê-lo em casa com o seguinte pó que se desfaz em água: sulfúrio de cal 10 gramas, sulfúrio de zinco 10 gramas, glicerado de amido 10 gramas.

Faz-se uma pasta que se aplica com uma espátula na parte que tem os pelos. Deixa-se estar uma hora e em seguida lava-se em água morna e aplica-se nas pernas um pouco de pomada de óxico de zinco e pó de talco. Assim tratadas as pernas ficam mais belas do que as duma estátua de mármore.

A mulher e o trabalho

UM interessante jornal alemão publicou as respostas a um inquérito seu, sôbre o trabalho feminino: A pergunta era: «E' ou não a mulher que trabalha fóra do lar a esposa ideal? Uma senhora que tem um nome ilustre na política do seu país respondeu: «As mulheres que encontram no trabalho a maior satisfação de viver, as que julgam que o trabalho é a vida, fazem bem não casando, porque sem dúvida alguma, não poderão fazer um homem feliz, porque a vida absorvida pelo trabalho não as deixa pensar noutras coisas.

E também porque a mulher que trabalha tem o sentimento da liberdade muito desenvolvido e um egoismo muito semelhante ao do homem». Um artista de teatro declarou que as atrizes eram em geral as melhores esposas, porque aprendem a arte de dissimular e são amaveis e encantadoras mesmo quando o marido está mal disposto. As cenas domésticas não lhes causam impressão porque estão habituadas às do teatro. O «ménage» é uma distração depois do trabalho.

Uma menina anónima disse que há raparigas que nasceram para casar. São aquelas que não têm talento para nada, nem aptidões especiais. Trabalhar fóra de casa é para elas castigo. Só no casamento encontram felicidade.

Outra senhora declarou que a mulher que quer casar tem ao fazê-lo de abandonar o trabalho para se dedicar ao lar, ao marido e aos filhos.

O que é para notar é que nenhum homem respondeu a êste inquérito, que afinal aos homens é que êle interessa e êles é que podem dizer qual é a esposa ideal.

O ideal deve ser a que verdadeiramente compreende o marido e cumpre os seus deveres, quer trabalhe fóra de casa ou não.

A mulher na política

A mulher inglesa, foi das que mais ardentemente lutou pela independência feminina e pelos direitos da mulher.

Entre as senhoras que mais se tem distinguido na política feminina inglesa, nota-se mrs. Elisabeth Abbott, que é a presidente dum grupo de mulheres inglesas, organisado para combater o mais possível, no sentido de se conseguir a promulgação de leis protetoras da mulher na indústria.

Mrs. Abbott, presidiu á conferência realisada ultimamente em Londres. A sua eloquência na defesa dos direitos da mulher e na proteção que é devida ás mulheres que se dedicam á indústria, causou a mais profunda impressão, pela justeza das suas apreciações, pela clareza dos seus argumentos e pela emoç o das suas palavras, onde se sentia passar toda a ternura dum coração de mulher.

Mrs. Abbott é uma das mais inteligentes senhoras da Inglaterra; nome bem conhecido na sociedade e entre as pessôas que se dedicam á política e aos estudos sociais. Os seus projetos de lei de proteção às mulheres, demonstram o valôr da sua inteligência toda dedicada ao bem estar das outras mulheres.

Receitas de cosinha

Lombo de porco à Ney: — Põe-se um bom lombo de porco, de môlho, em vinho do Porto ou da Madeira, com sal, pimenta e uma pitada de colorau picante, preferindo sempre um lombo que seja magro.

Assa-se no forno sem outro tempero que não seja banha de porco ou azeite e a própria gordura e o molho em que esteve em maceração.

Como guarnição, cozem-se espinafres com pouca ou nenhuma água; escorrem-se, picam-se e misturam-se com leite, manteiga e farinha, deixando ferver até formar um créme como esparregado. Põe-se o lombo de porco numa travessa e em volta o esparregado, que se enfeita com triângulos de pão frito e ovo cosido picado.

Sopa de nabos e feijão: — Deita-se numa panela água bastante, azeite e feijão branco, tudo em frio. Depois do feijão estar cosido, passa-se no coador até ficar só o polme, que vai de novo para a panela e deixa-se ferver, nesta altura deita-se o sal, antes não para não encruar. Deitam-se dois nabos partidos em bocados pequenos e ferve até ficar bem apurada. Querendo dar-lhe côr rala-se uma cenoura.

De mulher para mulher

Alice: — Acho minha senhora, que abusa muito da palavra sentimento, não será isso antes efeito da sua fantasia alimentada por maus romances e muito cinema? Há na sua carta alusões a vários filmes, que me fazem supor que quer fazer da sua própria vida uma fita. Não se iluda com fantasia. A vida já de si é bastante complicada para que se vá buscar mais fantasias nos livros e ao «écran». Cumpra o seu dever e será feliz.

Marieta: — A simplicidade e a naturalidade tornam sempre uma rapariga encantadora. Não queira fazer efeito apresente-se tal e qual é e creia que vai agradar imenso. Da sua carta emana simpatia, o que a deve ajudar muito na vida.

Nina: — Aprenda dactilografia e estenografia. Acho muito sensata a sua idea e na sua situação só lhe fica bem trabalhar. As pessoas a quem me referi, são aquelas que abandonam a casa a criadas para ganhar dinheiro para luxo. O seu caso é bem diferente e muito simpático.

Colette: Sim, há no estrangeiro vários institutos de dansa rítmica, mas êsse de Genebra é o mais conhecido. E' uma boa ginástica, mas acho que não vale a pena ir tão longe e gastar tanto dinheiro para aprender isso.

Violeta: E' tão grande a variedade em chapeus, que não se pode afirmar que se usam pequenos ou grandes, usa-se tudo e o que é mais moderno são os chapeus em vidro.

Harbela: Acho ainda muito cedo para tomar uma resolução que demanda muito pensar. Reflita, pese bem os prós e os contras e resolva-se depois. Há assuntos que se não podem fazer sem muito pensar.

Pensamentos

Os ciumentos só conseguem desagradar e chamar muitas vezes a atenção sôbre aqueles em que a mulher nem tinha reparado.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 59

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

CORREIO

Ti-Beado. — Luanda. — Respondo à sua carta de 1 de Abril findo. Lamento também que tivesse saído deturpado o seu pseudónimo no «Desporto» que cita. Apresento-lhe pelo facto as minhas desculpas, visto a responsabilidade me caber por não ter «fulminado» a respeitável «gralha»... Quanto ao aditamento à lista n.º 48, já não foi possível considerá-lo por ter chegado atrasado. Os meus melhores agradecimentos por tudo.

APURAMENTOS

N.º 50

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 16

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

EFONSA
N.º 15

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 7, Bisnau; n.º 13, Miss Diabo; n.º 19, Lord X.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 21 pontos:
Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha.

QUADRO DE MÉRITO

Fan-Fan, 20. — Ti-Beado, 20. — Salustiano, 20. — Rei-Luso, 20. — Só-Na-Fer, 18. — Só Lemos, 18. — Sonhador, 18. — João Tavares Pereira, 16. — Lamas & Silva, 16. — Salustiano, 15

OUTROS DECIFRADORES

D. Diana, 10. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 7

DECIFRAÇÕES

1 — Manda-dado-mandado. 2 — Tempe-pêra-têmpera. 3 — Lampa-pada-lâmpada. 4 — Baga-gata-bagata. 5 — Soada. 6 — Pasmoso. 7 — Farcista-farta. 8 — Platina-plana 9 Balada-bada. 10 — Semita-seta. 11 — Calo-a-ão. 12 — Ana-naco-anaco. 13 — Fale-lega-fálega. 14 — Pancada. 15 — *Ela.* 16 — *Alento.* 17 Boquejar-bojar. 18 — Aviso-aso. 19 — Tomada-tôda. 20 — Prescito-presto. 21 — Rês por rês.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) A *desunião* das nações continua, no meio da *gritaria* em que se discutem as propostas de paz...
E o mundo vive *desanimado!* (2-2) 3.
Lisboa *To-My*

2) *Respeito* uma «*mulher*» *honesta* (2-2) 3.
Lisboa *Ziúl*

NOVÍSSIMAS

3) *Oito* anos de prisão! *O* fim da vida — a *decadência!* 2-1.
Lisboa *Chim Pan Zé*

4) Conheci uma rapariga *travêssa*, que *gracejava* por *pirraça*. 3-2.
Luanda *Ti-Beado*

5) Vi uma «*mulher*» a falar com outra *mulher velha e feia*, a respeito da «*ave*» (*) 2-2.
Luanda *Dr. Sicascar*

6) Olha *para* a *figura* do *compêndio!* 1-2.
Lisboa Vidalegre

SINCOPADAS

7) Numa pequena *povoação* vi um *género de plantas gramíneas.* 3-2.
Luanda *Dr. Sicascar*

8) Que *pomposo* é o *jôgo!* 3-2.
Lisboa *Dama Negra*

9) A *união* faz a fôrça — e quem dá o *exemplo*? 3-2.
Lisboa *Mad Ira*

10) No *negócio* não se quere *balbúrdia*... 3-2.
Tramagal *Padre Matos*

11) *Pessoa que fala muito* é a que *está na adolescência.* 3-2.
Luanda *Ti-Beado*

12) Não é preciso *fôrça* para dominar um *monstro.* 3-2.
Lisboa *Veiga*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

13) Se nada tem lá no meio
Que o conceito me sugira...
Eu afirmo sem receio
Não passar duma *mentira.*
Tôrres Vedras *Alfa & Ómega*

14) Com duas letrinhas,
Ambas invogais,
Formei um *céspede*
De grandes juntais.
Luanda *Ti-Beado*

(*) Nome que em Estarreja se dá ao cuco rabilongo.

TRABALHOS DESENHADOS

23) ENIGMA FIGURADO

Veiga

LOGOGRIFO

15) Sempre muito *impertinente*, — 6-7-2-9
Um *boneco*, um aldravão — 6-1-6-9
Que *rouba*, que muito mente, — 8-9-4-5
Mas um grande *espertalhão*, — 4-1-2-9
O *cozinheiro* Vicente — 8-3-2-9
De origem nacional,
Tinha fama *universal.*
Lisboa *Stop (G. dos Verdes)*

MEFISTOFÉLICAS

16) *Pinta* os olhos, pinta a face,
Mas com *regra*, o meu amor...
E se os lábios não pintasse
Não tinha p'ra mim *valor.*
Lisboa *Repórter Fatal*

17) Nas *praias* de Portugal,
Quando é *denso* o nevoeiro,
A *fartura* de banhistas
Parece até formigueiro. (2-2) 3
Lisboa *Sodargil*

18) Êle *ordena prontamente*
Que não seja *concedido*,
Por uma *ordem* corrente,
O meu instante pedido. (2-2) 3.
Lisboa *Xis & Grego*

NOVÍSSIMAS

(Ao mirífico «Sileno», com a minha maior simpatia)

19) *Se* eu fôsse filho das Musas, — 1
Ou inda mesmo enteado...
Ai! quantas belezas lusas
Já não teria exalçado!

Belezas lusas — eu disse —
Do charadismo — acrescento.
E acho não ser sandice
Chamar beleza ao portento.

Porque quem vir poetar
Mestre «Sileno» — o portento,
Há-de, por fôrça, exclamar:
— «Mas que formoso talento!»

Muitos admiradores — 1
O confrade deve ter;
Seus versos — lindos amores —
Ninguém se farta de os ler.

A *semelhante* valor
Estes versos mal rimados
Dedico com tanto ardor
Que devem ser perdoados.

E aqui fica consignado
O aprêço imperecível
Em que o tem um desprendado,
Demandador desastrado
Da Castália inacessível...
Silva Pôrto-Bié *Efonsa*

20) *Singelo* o beijo aspirado — 2
Por duas bôcas serenas,
De *espírito* recatado: — 2
É um beijo só — *apenas!*
Lisboa *To-My*

21) Com *a cara* que aparentas — 2
Não duvido mesmo nada
Que êle te *aplica* nas ventas — 1
Uma carga de *pancada.*
Lisboa *Ulsi Ráfer*

SINCOPADA

22) Depois de *lida* e relida
A tua carta tão triste]
E' que fiquei convencida,
Meu amor, que tu partiste!...

Já não sou *alegre* agora,
Nem a vida me sorri,
O meu peito geme e chora,
Ausente e longe de ti. 3-2.
Lisboa *Mad Ira*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz Ferreira Baptista, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Exposição de bonecas com trajos regionais

Na Associação Comercial de Lisboa realizou-se uma interessante exposição de bonecas com trajos regionais, que o sr. Presidente da República inaugurou no passado dia 16. Admiravam-se ali grande número de exemplares provenientes das mais afastadas regiões do país. É de solicitar o esmêro de todos os trabalhos, que faziam de cada boneca, não só documentos reconstituidos nas fontes mais rigorosas, como autênticas obras de arte, que encontravam em tôdas as suas minucias. No átrio expuseram-se também alguns manequins pertencentes à Sociedade de Geografia e, numa sala contigua, oleogravuras e desenhos, representando trajos antigos e modernos.

Pode afirmar-se que não houve nesta exibição uma única lacuna. Tôdas as províncias e regiões típicas se fizeram representar com exemplares curiosos e, muitos deles inéditos para o grande público. Do trajo transmontano ao funchalense, passando pelo saloio, pelo fadista, pelo ribatejano e pela varina, tudo ali se podia admirar em primores de execução que nos maravilharam. A decoração tanto da sala como do átrio foi artisticamente feita com mantas e chailes, numa afirmação de bom gôsto e elegância que honra os organizadores da Exposição.

O público acorreu numeroso, manifestando um interesse que raras exposições registam. E isto deve bastar com aplauso inequivoco à inteligente iniciativa.

Josué Jehouda

Dentro em breve Lisboa terá ocasião de assistir a duas conferencias do grande escritor e jornalista Josué Jehouda director da «Revue Juive», de Genève, e um dos grandes amigos de Portugal.

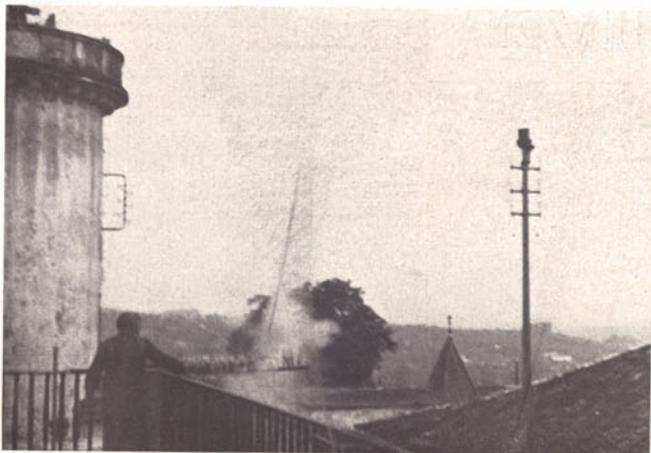
Josué Jehouda reune tôdas as grandes qualidades dum paladino entusiástico que lhe dão a garantia do seguro êxito das suas teorias que assentam na base sólida da pacificação dos povos e dos espíritos. O seu nome basta como estandarte dos seus ideais. Enfim, Lisboa vai ouvi-lo dentro em pouco — e admirá-lo.

Foot-Ball entre médicos e estudantes

No Campo Grande realizou-se no dia 24 um desafio de foot-ball entre um grupo de conhecidos médicos e outro de estudantes de medicina a favor da Caixa de Previdencia dos Médicos Portugueses e Caixa de Auxílio aos Estudantes Pobres da Associação da Faculdade de Medicina. A simpática festa decorreu com entusiasmo e obteve um animador resultado financeiro. As nossas gravuras representam em cima a équipa dos médicos e em baixo a dos estudantes, antes de começar o desafio.

COIMBRA EM FESTA

A "QUEIMA DAS FITAS"

Logo ao romper da alva, os foguetes anunciam que começou a festa das fitas

CÔRES. Alegria. Canções. Entusiasmo e uma pontinha de saüdade. A festa sem rival duma mocidade turbulenta mas estudiosa, por vezes irreverente, no fundo boa, veneradora das tradições, estimulada pelos vinhos generosos do país, mas sóbria durante longos meses, enquanto prossegue os seus estudos.

Coimbra, outrora cidade fortificada, tornou-se a cidadela das ciências. Universidade milenária, que durante séculos tem atraído a mocidade ávida de se instruir, conservou tôda a sua fôrça, porque nunca ali se viram tantos estudantes e o seu número aumenta de ano para ano. Existem pelo mundo outros centros de educação cujas instalações são mais modernas, e suntuosas que estas, mas não encontrareis lá o espírito de Coimbra. O espírito de confiança mútua que se cristaliza nas célebres "Repúblicas" de estudantes, centros de verdadeira camaradagem, de amizade, de trabalho e prazeres colectivos. A cidade dorme tranqüilamente e mal o sol se mostra no horizonte, logo uma fusilaria nutrida, um crepitar ininterrupto de foguetes anuncia a boa nova: *Começou a festa das fitas*. Em breve os morteiros têm um acompanhamento mais majestoso, dir-se-ia que o som do canhão. Na realidade, são os grandes bombos tocados com tôda a fôrça e os sons dos pífaros agudos, das gaitas de foles e o rufar dos tambores que se misturam numa sinfonia em que há mais energia do que música. O essencial é que a cidade inteira acorde!

Da esquerda para a direita: Três aspectos das decorações das «repúblicas»

Nas repúblicas, é a revolução. Um tumulto indiscriptível. Começa-se pela decoração das fachadas. Decoração! É talvez exagerado chamar "decoração» a êste prazer frenético de pendurar nas paredes exteriores da casa tudo o que existia nos quartos, os objectos mais heteróclitos e cujo "leit-motiv» são sempre as bacias de quarto. No fundo, é encantadora esta mocidade exuberante, estas ante-vésperas da partida da Alma Máter para essa grande aventura que é a Vida. Depois das festas, das libações, o trabalho recomeça porque há ainda o último obstáculo a transpor — o exame final. Terminado êste, os antigos abandonam a Universidade e são os alunos da classe seguinte que arvoram orgulhosamente as suas fitas largas.

O tradicional namoro

Mas os que partem, os jovens doutores, não são fàcilmente esquecidos. São as noivas, essas figuras tão poéticas de tôdas as cidades universitárias, que guardam fielmente a sua recordação. Vão assiduamente à igreja implorar à Virgem Maria consoladora das amorosas e ao bom Santo António que ajudem o jóvem diplomado na sua carreira, para que êle possa voltar o mais breve possível.

Pobres noivas das cidades universitárias! Há algumas cujas orações são escutadas e a quem os jovens doutores conduzem para novos destinos.

Mas outras ficam sempre à espera. São elas as vítimas imoladas sôbre o altar das ciências.

Troca de assinaturas nas fitas. A' esquerda: Um trecho da exposição das pastas

A' direita e em baixo: Pastas artísticas

Texto e fotografias de Victor Ronaï

Oração pelo regresso do jovem doutor

Palavras cruzadas

(Solução)

P	A	E	■	R	A	B	A	N	O	S	■	C	A	O
A	S	N	E	I	R	A	■	A	L	I	C	I	A	R
G	I	L	■	B	A	R	A	T	A	S	■	E	R	A
O	L	I	V	A	■	I	R	A	■	A	F	I	A	R
■	O	A	A	■	L	O	■	L	I	■	A	R	O	■
L	■	R	E	M	A	■	L	■	R	I	S	O	■	C
U	M	■	■	A	■	C	A	O	■	A	■	■	R	A
G	A	V	E	■	C	O	B	R	A	■	I	S	I	S
A	R	■	■	C	■	R	I	O	■	Z	■	■	A	O
R	■	U	V	A	S	■	O	■	S	A	U	L	■	S
■	A	T	I	R	A	S	■	D	E	N	S	O	S	■
A	T	I	L	A	■	A	S	O	■	G	A	N	E	M
M	E	L	■	C	A	L	E	I	R	A	■	A	V	O
O	U	■	M	A	L	■	B	■	E	V	A	■	E	L
U	S	A	■	S	I	B	E	R	I	A	■	U	N	A

A expressão do rosto

Coisa admirável é a expressão de um rosto! No século XVIII cêrca do ano de 1765, dizia um espectador, do grande actor inglês David Garrick, que o vira passar a cabeça por entre os dois batentes de uma porta, e no espaço de alguns segundos, a expressão do seu rosto mudou sucessivamente de uma alegria louca para alegria moderada, de alegria para serenidade, de serenidade para surpreza, de surpreza para espanto, de espanto para tristeza, de tristeza para profundo desalento, de desalento para medo, de medo para horror, de horror para desespêro. O rosto principiou então a manifestar todos estes sentimentos em sentido inverso, isto é, do desespêro novamente para alegria.

O lacre

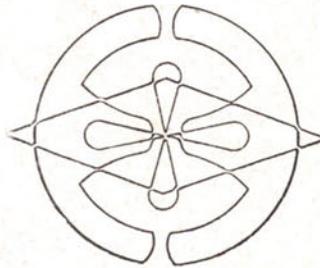
Há uns trinta ou quarenta anos ainda, ninguém enviava uma carta sem a lacrar. Pois o lacre, e com êle o sinete, seguiram no pó do esquecimento a pena de pato, o pó de secar — rosa, azul ou dourado — que nossos avós não dispensavam e precederam talvez de pouco o tinteiro

e a pena Mallat, por sua vez, já abandonados e em breve, totalmente banidos pelo estilógrafo.

Todavia ainda no início dêste século, não havia mesa de trabalho — elegante sobretudo — que dispensasse o lacre. Havia-os vermelho, preto, dourado, perfumado, e os sinetes eram por vezes, verdadeiras obras de arte.

O lacre tinha, até, protocolo internacional. Havia côres e qualidades reservadas. Por exemplo, o lacre branco era peculiar à Ordem do Espírito Santo e à Casa Real da França. A Ordem dos Cavaleiros de Malta só utilizava lacre preto. As sentenças eram seladas com lacre amarelo; os privilégios e graças com lacre verde.

Desenho a traço contínuo

(Solução)

Como sempre, os cantos foram cortados para maior clareza.

Duelo de morte

Em Mindanao, nas Filipinas passou-se, há bastantes anos, um espectáculo curioso.

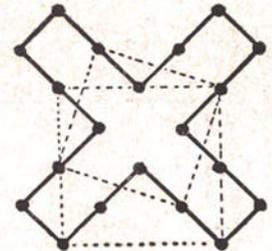
Uma águia que levantou vôo do cimo de uma montanha voava como se estivesse ferida.

Ao aproximar-se de terra viu-se que lutava com uma cobra colossal que se lhe tinha enroscado e tentava estrangulá-la.

A águia defendia-se com coragem, dando bicadas formidáveis no reptil.

Mas o duelo foi de morte porque depois de uma hora de combate, ambos os animais caíram por terra, ficando, em conseqüência da queda, horrìvelmente despedaçados.

Subtracção de pontos

(Problema)

Na figura em forma de X que a gravura acima representa podem traçar-se, servindo-nos para cantos dos vinte pontos que ela contém, vinte e um quadrados perfeitos. (Alguns dêsses quadrados estão indicados com linhas ponteadas para mostrar como se fazem).

Depois de verificarem como se podem formar todos os 21 quadrados, vejam qual é o menor número de pontos que se hão de apagar, de modo a tornar impossível formar um único quadrado.

A alimentação de um rei

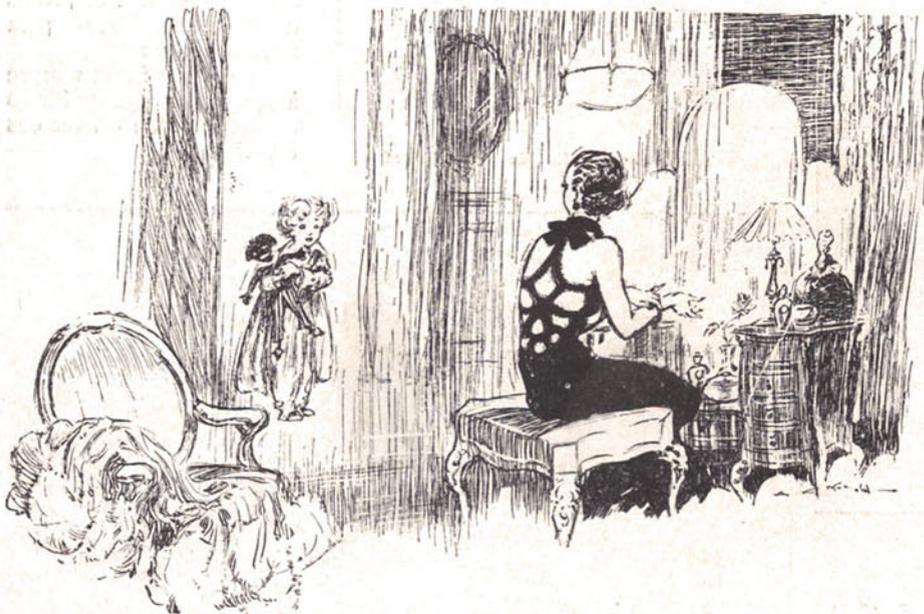
O *menu* de um dos jantares de Luís XIV não deixa de ter interesse para os grandes e pequenos comilões. Ei-lo, segundo a princesa Palatina:

«Vi muita vez — diz ela — o rei comer quatro pratos de sopas diversos, um faisão inteiro, uma perdiz, um grande prato de salada, carneiro guizado e assado, duas boas fatias de presunto, um prato de pasteis e ainda fruta e doces». E a princesa acrescenta: «O rei gostava muito dos ovos cosidos». Não diz se comia muitos, depois de um jantar dêstes.

A ceia não ficava atrás do jantar. Fagon, o médico do rei, faz dela a seguinte descripção:

«A variedade das cousas diferentes que êle mistura, à noite, na ceia, com muitas carnes e sopas, e entre outras, as saladas de pepino, de alface e de outras hortaliças mais, tôdas juntas, temperadas, como são, com pimenta, sal e vinagre muito forte em grande quantidade, e por cima disto tudo ainda queijo, fazem-lhe uma fermentação dentro do estômago, etc.».

Esta *fermentação* causava, muita vez, mau funcionamento no estômago augusto de Luís XIV, que era, então, posto a dieta; mas essa dieta não era muito rigorosa porque o médico Fagon acrescenta: «O rei, fatigado e abatido, foi *obrigado* a comer de carne à sexta-feira e *consentiu* que lhe servissem apenas ao jantar, umas torradas, um caldo de pombos e três frangos assados».

Bonita abstinência!

— Ai! coitadinha da mamã, que tem o vestido todo estragado, todo cheio de buracos nas costas!

Só é Fogareiro Vacuum
aquele que traz a marca
VACUUM
V. Ex.ª
É UMA BOA DONA DE CASA
É de facto, muito arranjada, muito económica, uma excelente mãe, uma esposa dedicada...
Precisa V. Ex.ª, porém, dum precioso auxiliar, um verdadeiro amigo, também muito económico, muito asseado, muito prático que esteja sempre às suas ordens — O FOGAREIRO VACUUM.
O Petróleo Sunflower garante-lhe um bom funcionamento.
1536
FOGAREIROS VACUUM